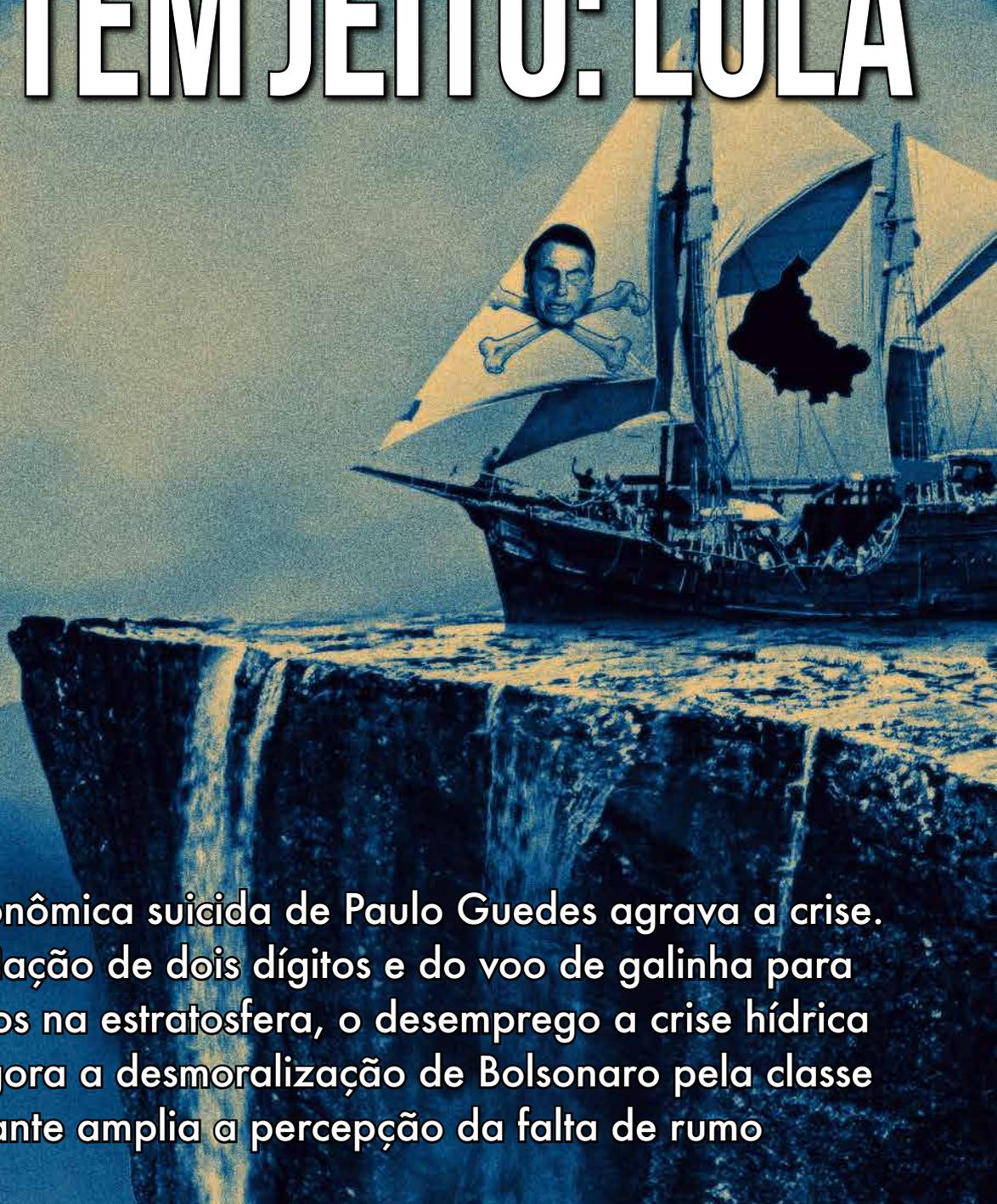


# NO RUMO ERRADO... MAS TEM JEITO: LULA



A política econômica suicida de Paulo Guedes agrava a crise. Além da inflação de dois dígitos e do voo de galinha para 2022, os juros na estratosfera, o desemprego a crise hídrica e elétrica, agora a desmoralização de Bolsonaro pela classe dominante amplia a percepção da falta de rumo

Capa: Nathalie Nascimento

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 20 de Setembro de 2021 Nº 28

**NESTA EDIÇÃO**

Marilena Chauí: A burguesia acordou para a realidade

Povo nas ruas em 2 de Outubro: Fora, Bolsonaro!

Fake news. Governo sofre uma dura derrota

Centenários de d. Paulo Evaristo Arns e Paulo Freire

**INTERDITAR BOLSONARO  
E REVOGAR A LEI DE  
SEGURANÇA NACIONAL**

em defesa da vida  
e da democracia

**NEGACIONISMO E  
IRRESPONSABILIDADE  
LEVAM BRASILEIROS  
À MORTE**

Observatório  
da Democracia

Fundação  
Cristóvão

Associação  
Democrática

FUNDACÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

INSTITUTO  
Cruz

LAURO CARRAS E  
MARTELLE FRANCO

FLA-AP

ASTROJILDO

Herbert Davis

**PAUTA  
BRASIL**

**ASSISTA AO  
PROGRAMA  
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS  
E SEXTAS-FEIRAS  
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E  
TRANSMISSÃO

FUNDACÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

transmissão

★

DCM Forth

TV 247

**SIGA O CANAL DA REVISTA**



**NO YOUTUBE**

**focus  
BRASIL**

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



**FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores**

#### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

#### CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

#### SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

#### CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

# O DEBOCHE DAS ELITES AFLORA MAIS UMA VEZ

Em jantar movido a risos frouxos e desmoralizadores de homens ricos e brancos, Michel Temer humilha mais uma vez Jair Bolsonaro.

Página 16



Reprodução

**EDITORIAL.** O Brasil, agora, precisa mais de Lula, que é a esperança do povo

Página 4

**ENTREVISTA.** Marilena Chauí trata da conjuntura e aponta: Lula é a solução

Página 6

**CONJUNTURA.** A crise piora, com Bolsonaro inerte diante dos problemas

Página 13

**UNIDADE.** Oposição mostra compromisso e convoca atos para 2 de outubro

Página 17

**SAÚDE.** Governo joga nova cortina de fumaça sobre a vacina contra a Covid-19

Página 18

**CPI.** Senadores descobrem novas fraudes de empresa ligada à família Bolsonaro

Página 19

**FAKE NEWS.** Planalto leva invertida e vê enterrada a MP que liberava a mentira

Página 20

**OPINIÃO.** Senador Paulo Rocha alerta que governo recorrerá à mentira de novo

Página 21

**ELEIÇÕES.** Lula dispara no Datafolha, enquanto governo derrete ao vivo

Página 22

**BIOGRAFIA.** Fernando Moraes vai lançar 1ª volume da biografia de Lula

Página 24

**ENERGIA.** Crise é resultado do grave erro do governo na gestão das barragens

Página 28

**PETROBRÁS.** Sérgio Gabrielli rebate insinuações do liberal economista Samuel Pessoa

Página 31

**ECONOMIA.** Mercadante e Mello desmascaram o “risco Lula” de Edmar Bacha

Página 33

**ALERTA.** Especialistas apontam aumento de suicídios entre jovens negros

Página 36

**MEMÓRIA.** A morte de Lamarca e a repressão a estudantes em 1966 e 1977

Página 38

**CENTENÁRIOS.** Tributos aos gigantes Paulo Freire e dom Paulo Evaristo Arns

Páginas 40 e 42

**CULTURA.** Gaby Amarantos lança novo disco em que alerta sobre a Amazônia

Página 45

**JAZZ.** Os 30 anos do desaparecimento de Miles Davis, gênio inesquecível

Página 46

EDITORIAL

# O BRASIL PRECISA DE LULA



Aloizio Mercadante

**O** fatídico jantar em que Michel Temer e a elite de homens brancos, ricos e reacionários aparecem debochando de Jair Bolsonaro é o retrato simbólico da degradação política e de um governo que agoniza em busca de sobrevivência. Em razão do gigantesco fiasco dos atos golpistas do 7 de Setembro, Bolsonaro traiu sua própria base, se acovardou diante de uma pauta que ele mesmo definiu e deixou ao relento antigos parceiros e velhos aliados golpistas.

O desfecho que culminou na "carta de rendição" e na humilhação do "jantar do deboche" dá a medida da completa desmoralização de Bolsonaro, cada vez mais refém do Centrão. Já Temer, o operador das sombras, que saiu do governo como o presidente mais impopular desde a redemocratização, retorna ao cenário político com a mesma atitude golpista de sempre.

A chamada terceira via segue em uma disputa acirrada pelo terceiro lugar. Sem um nome competitivo, sem unidade, sem capacidade de mobilização, sem argumentos para superar o antibolsonarismo tardio, porque todos os pré-candidatos fizeram campanha e apoiaram Bolsonaro ou se omitiram, e seguem sem divergir da agenda econômica neoliberal do golpe e de Bolsonaro-Guedes.

Na pesquisa Datafolha desta semana, a reprovação de Bolsonaro atinge o pior índice da série histórica, 53%, enquanto o Brasil atravessa um momento dramático. Um verdadeiro flagelo social, econômico e sani-

## A VITÓRIA DE LULA NAS URNAS, EM 2022, PASSA, PRIMEIRO, PELA GARANTIA DO PROCESSO ELEITORAL BRASILEIRO

tário tomou conta do cotidiano do povo brasileiro. A pobreza já atinge 30% da população, o desemprego e o desalento são parte da vida de mais de 20 milhões de brasileiros e a inflação para os mais pobres já comprometeu 21% da renda dos mais pobres, sem falar no espantoso aumento dos preços dos combustíveis e da energia, com o risco crescente de um severo racionamento. A miséria e a fome estão por toda parte, agravadas pela falta de políticas sociais de proteção, que foram ou estão sendo retiradas.

A pesquisa também indica um larga vantagem de Lula na corrida presidencial do ano que vem. O petista tem entre 42% e 44% das intenções de votos a depender do cenário testado. No segundo turno, Lula derrotaria qualquer outro candidato. E, contra Bolsonaro, por exemplo, vence por 56% a 31%. Outro dado relevante é que Bolsonaro

aparece com o maior índice de rejeição entre todos os candidatos: 59%.

Mais do que nunca, o Brasil precisa de Lula. Precisa de Lula, porque ele é a esperança do povo. Precisa de Lula para superar o ódio e recuperar a capacidade de diálogo. Precisa de Lula, porque ele é a maior liderança popular da história do país e tem um profundo compromisso com a democracia. Precisa de Lula, porque ele é o grande agente portador de futuro. Precisa de Lula, porque ele representa um projeto de desenvolvimento nacional, com estabilidade, crescimento com justiça social, soberania, altivez internacional e sustentabilidade ambiental.

Mas a vitória de Lula nas urnas passa, primeiro, pela garantia do processo eleitoral brasileiro. Por isso, começa a se formar uma ampla unidade dos progressistas e democratas, que tem como centro tático a defesa da democracia e do impeachment de Bolsonaro. As mobilizações populares, que contam com adesão de PT, PSOL, PCdoB, PSB, PDT, Rede, PV, Cidadania e Solidariedade, além das centrais sindicais, das entidades do campo popular e dos movimentos sociais, irão culminar em dois grandes atos, nos dias 2 de outubro e 15 de novembro.

O futuro das eleições e da democracia depende de uma ampla campanha semelhante às Diretas Já. E, com o povo na rua, assistiremos, pela terceira vez na história, o presidente Lula subir a rampa do Palácio do Planalto, vestir a faixa presidencial e resgatar a esperança do nosso povo para reconstruir o Brasil. •

# “O BRASIL PRECISA DA VITÓRIA DO LULA”

Uma das maiores intelectuais do país permanece crítica contumaz da burguesia nacional, que opera a máquina do Estado em benefício próprio e de seus interesses, sem se importar com o povo. Ela prevê que o desafio depois da eleição de 2022 será grande, mesmo Lula sendo eleito. “Vai ser uma tarefa hercúlea porque vai ter que refazer o Brasil, refazer as instituições”, adverte. “A crise social é grave”

Pedro Camarão e Alberto Cantalice

**A**os 80 anos, Marilena Chauí se mantém uma crítica feroz do neoliberalismo e da agenda imposta ao Brasil desde a derrubada de Dilma Rousseff da Presidência da República em 2016. Ela não tem papas na língua ao apontar a atuação irresponsável da burguesia nacional, carente de projetos para a Nação, e indiferente ao desmantelamento institucional que o país experimenta nos últimos cinco anos.

“A democracia não é uma forma de governo, é uma forma de sociedade, de criação de direitos e de realização de direitos”, lembra. “Então, numa sociedade que é hierárquica, oligárquica, autoritária e violenta, você não tem criação de direitos e quando tem direitos criados não se tem a garantia e a conservação deles. Isso é o que nós somos”.

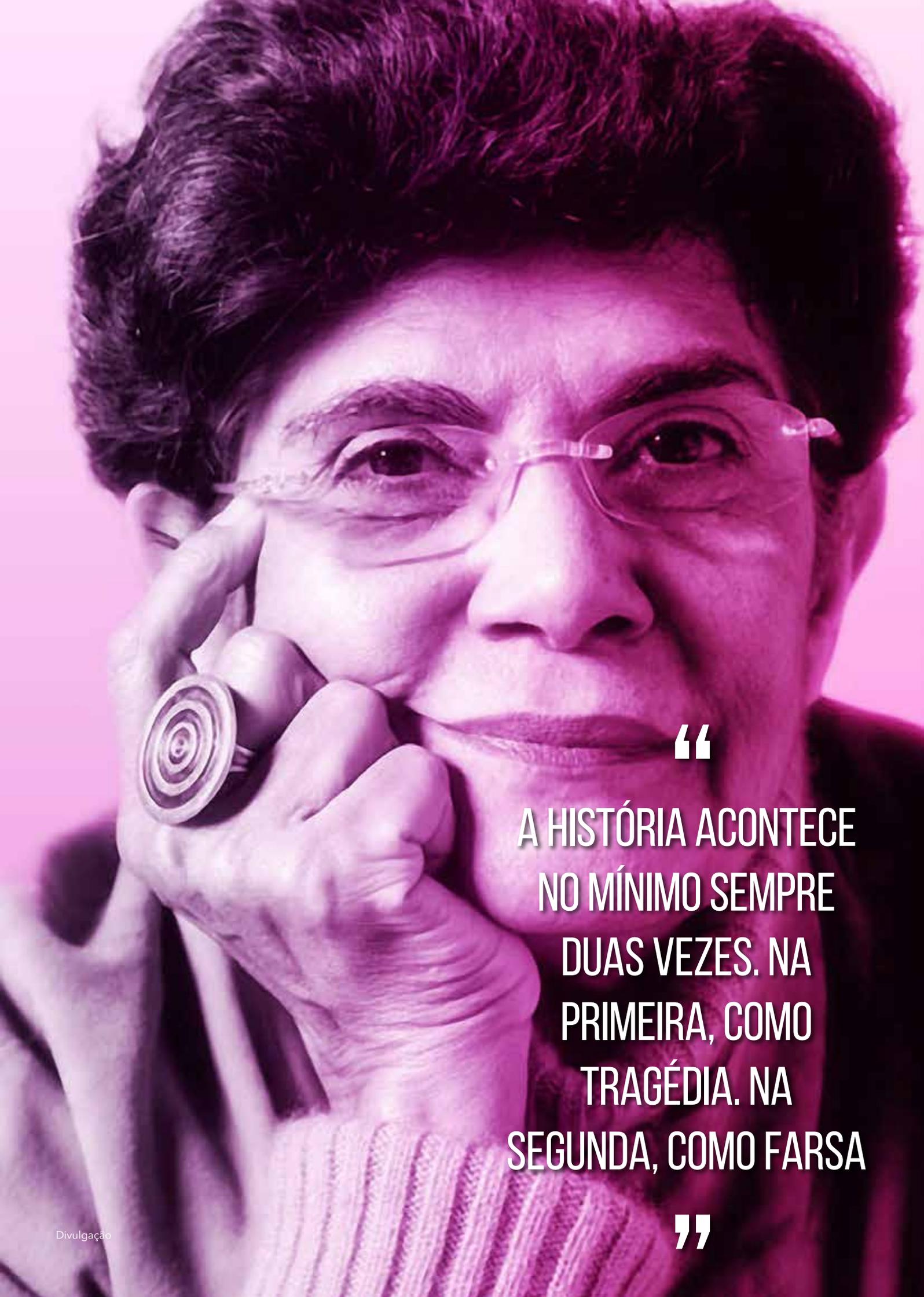
Professora da USP, nascida em Pindorama, ela diz que não se pode comparar o momento atual com o que o Brasil viveu com o Golpe de 1964, quando João Goulart foi deposto numa quartelada. Aponta que, apesar de algumas similaridades, muita coisa mudou, inclusive as Forças Armadas, que perderam um compromisso com a formação nacional.

“A estrutura da sociedade é a mesma, a tendência aos golpes de Estado permanece, a maneira pela qual a burguesia brasileira mantém o poder é através do controle direto que tem sobre os chefes de Estado, mas não tem projeto, não tem programas, as Forças Armadas estão vinculadas ao mundo neoliberal e o anticomunismo pega nesses 25%, 27% do eleitorado [de Bolsonaro]”, ressalta.

Nesta entrevista à **Focus Brasil**, Marilena Chauí diz que a possibi-

lidade de Lula se eleger em 2022 é alta, mas a brutalidade da disputa política será um teste para as esquerdas, que precisam de unidade de ação. Ela avalia que o grande teste será depois da vitória, porque haverá muita expectativa e a cobrança incessante do mercado e da grande mídia.

“Será complicadíssimo. É por isso que a unidade da esquerda é tão importante. Mas, ao mesmo tempo, precisamos desmontar o discurso da política como gestão”, adianta. “A extrema-direita, o Bolsonaro está se encarregando de desmontar enquanto força política. Ela continua sendo uma força eleitoral, mas como política, ele a desgastou. Mas os liberais vêm com tudo com a ideia de que não é preciso fazer política, é preciso gerir. E a primeira crítica através da Rede Globo que vai ser feita a um governo de esquerda e a um governo Lula vai ser essa”.



“

A HISTÓRIA ACONTECE  
NO MÍNIMO SEMPRE  
DUAS VEZES. NA  
PRIMEIRA, COMO  
TRAGÉDIA. NA  
SEGUNDA, COMO FARSA

”

## Focus Brasil – Como a senhora enxerga essa recente divisão na direita brasileira?

**Marilena Chauí** – A minha impressão é a de que havia um projeto da extrema-direita e de uma parte da chamada direita liberal, da qual o [governador João] Doria faz parte. A ideia era que a figura do Bolsonaro interessava porque ele era tomado a partir da incompetência política. A ideia era: “esse cara politicamente é ignorante e, portanto, nós vamos controlá-lo”. Exercer um controle sobre alguém que na cena política se apresentava sempre como um incompetente. E, além disso, todo o vínculo dele com Olavo de Carvalho e com a “terra plana”, “evolução das espécies é mentira”, “teoria da relatividade não tem fundamento” – ou seja, todos esses pronunciamentos e mais o vínculo com o fundamentalismo religioso, tornavam o Bolsonaro uma figura apetecível, primeiro de tudo para a direita. Antes de ser para a extrema-direita, estou pensando na Faria Lima e companhia. Como aquele que, dada a sua absoluta incompetência, é perfeitamente controlável. O que eles não esperavam era a entrada em cena da extrema-direita, o fato que a extrema-direita tinha agenda e que, para ela, Bolsonaro não era o incompetente controlável, era a “ponta de lança”.

E como foi possível fazer o casamento entre essas duas imagens, já que elas são incompatíveis? Como a imagem da “ponta de lança”, que vem da extrema-direita, e a imagem do “incompetente controlável”, que vem da direita. Como elas puderam se fundir? A minha interpretação é do que acontece com a política no universo neoliberal. O que nós temos assistido, vimos a tentativa de isso acontecer nos EUA, a tentativa de fazer isso acontecer na França, no Reino Unido e, evidentemente, no Brasil, que é um pro-

cesso de desinstitucionalização do espaço público. Na medida em que o neoliberalismo opera, e é por isso que eu digo que ele é totalitário, com uma única forma de organização que deve ser a organização de todas as esferas da sociedade e do próprio Estado que é a ideia da empresa. As instituições sociais são todas empresas a serem geridas e o Estado é uma empresa a ser gerida. Bom, como funciona uma gestão empresarial quando há conflito, seja interno ou externo? Ela não fun-

## A ELITE ESPERAVA CONTROLAR O BOLSONARO, COLOCAR UM CARA COMO O GUEDES E ASSECLAS PARA FAZER O SERVIÇO. E DEU NO QUE DEU

ciona senão por um único meio, que é o que ela dispõe, o Judiciário. As questões, os conflitos, as contradições são sempre transformados em questões jurídicas. Então, isso o que a gente chama de judicialização da política é, na verdade, a expressão dessa desinstitucionalização do espaço público, a impossibilidade de trabalhar efetivamente os conflitos políticos e econômicos a não ser sob a forma jurídica, sob o império da lei.

O que eu penso que o Bolsonaro exprime é este instante complicado, um conflito entre a judicialização e a ditadura. Ele tem uma enorme dificuldade – era isso que eles não esperavam que fosse ter – para lidar com essa desapareção da política sob a sua forma jurídica.

### – Há um paradoxo.

– Bolsonaro não é capaz de lidar com isso. Só é capaz de fazer o enfrentamento, de pôr em dúvida isso, ininterruptamente, de acelerar e aumentar o conflito. Bolsonaro vive numa esfera anterior, do ponto de vista ideológico, a isso que ocorre na esfera neoliberal de desinstitucionalização da política. Ele opera numa esfera na qual o espaço privado define todas as decisões e todas as ações que vão aparecer no contexto público. Então, você tem do lado neoliberal oficial, aquele que tem Legislativo, Judiciário, mundo empresarial, esse universo da gestão jurídica do conflito que é incompreendido pelo Bolsonaro, inaceitável para a extrema-direita. Ele opera, portanto, pela produção de um terceiro conflito. Você tem o conflito da extrema-direita com a esquerda, você tem os conflitos no interior da direita resolvidos pela via jurídica e depois você tem os conflitos com a extrema-direita que põem em dúvida essa maneira de reinstitucionalizar o conflito pela via jurídica. Então, você tem a produção do caos. Quando se esperou controlar o Bolsonaro, tenho a impressão de que se esperava colocar um cara como o Guedes e um conjunto de asseclas para fazer o serviço e deixar Bolsonaro fazer o papel que se espera que faça e tem feito. Esse papel não teria maiores consequências se não fosse esse quadro que explicitarei.

### – Qual é o papel do Bolsonaro?

– Eu vou dar a imagem desse papel. Quando você vai ao circo há

um momento, depois que o apresentador falou com o respeitável público, no qual precisam ser montadas infraestruturas para o espetáculo acontecer. É preciso preparar a cena. Há uma série de coisas do nível de infraestrutura para que o espetáculo possa acontecer. No entanto, o respeitável público vai ficar impaciente, então existe uma figura que tem como função segurar a atenção e a presença do respeitável público enquanto o circo de verdade se organiza. Essa função é do palhaço. É produzir uma série ininterrupta de eventos enquanto o picadeiro vai tomando forma. Eu vejo o Bolsonaro realizando isso. A coisa seria menos complicada se ele realizasse isso na forma clássica da palhaçada. Mas ele dispõe de dois grandes instrumentos que tornam essa palhaçada cruel e muito perigosa. Ele tem as redes sociais e parte das Forças Armadas. Então, ele tem um universo potente no nível da opinião através das redes sociais e um universo potente através da ameaça contínua de um golpe.

**– A senhora viveu o Golpe de 1964. As marchas da família, o conservadorismo daquela época, a senhora consegue ver similaridade entre as ações dessa extrema-direita com aquelas que foram para as ruas no eixo Rio-São Paulo lá atrás?**

– Olha, existe uma e existe nenhuma. A similaridade é a estrutura da sociedade brasileira. Você tem uma sociedade vertical, hierárquica, oligárquica, autoritária e violenta. Ela é isso e ela usa ininterruptamente, como é sua função, o aparelho do Estado para fazer isso. Raramente, deixa entrever o que ela é só no nível social. Ela faz com que isso se estabilize pelo modo como opera no aparelho de Estado. Isso é um dado que percorre a nossa história. Tinha em 1964, tinha em 1968

e tem agora. Existe essa estrutura social. Normalmente, a gente tenta analisar a partir do Estado e não é. É preciso analisar a partir da formação social. Nós não temos uma formação social democrática. Por isso a democracia não funciona, por isso não dura. A democracia não é uma forma de governo, é uma forma de sociedade, de criação de direitos e de realização de direitos. Então, numa sociedade que é hierárquica, oligárquica, autoritária e violenta você não tem criação de direitos e quando tem

## A HISTÓRIA POLÍTICA DO BRASIL É UMA HISTÓRIA DE SUCESSIVOS GOLPES DE ESTADO: DESDE A PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

direitos criados não se tem a garantia e a conservação deles. Isso é o que nós somos. Então, se você vai procurar uma semelhança, eu te diria que isso está lá em 1822, em 1889, em 1930, em 1937, em 1964 e em 1968. Agora, isso assume aspectos diferenciados. Mas é essa classe dominante, autoritária, oligárquica e violenta que está no poder. Se é para estabelecer uma semelhança, acho que é preciso estabelecer de 1822 até agora, porque a história política do Brasil é uma história de golpes

de Estado. A proclamação da Independência é um golpe de Estado, a Proclamação da República é um golpe de Estado, a República nascida da chamada Revolução de 1930 é um golpe de Estado. 1964 é um golpe de Estado. A história brasileira, em momentos minúsculos, conhece um instante de política no sentido mais comezinho da compreensão liberal da política. O que se tem é a realização, pura e simplesmente, da via autoritária do poder.

**– E as diferenças?**

– Primeira diferença, sob a orientação do Departamento de Estado norte-americano e da Operação Brother Sam, criada pelo [John] Kennedy na luta contra Cuba e pegando, portanto, a ideia da bilateralidade e de que “as Américas são nossas”, desceu para as Américas inteiras um programa econômico e um projeto político. A condição para a instauração desse programa e desse projeto feito pela chamada Aliança para o Progresso – que era a política do Kennedy – foi a convocação e a formação dos militares da América Latina para uma tomada do poder de uma determinada forma e eles fizeram na América Latina inteira.

Este ponto nós não temos, ou seja, não existe um projeto latino-americano e muito menos um projeto brasileiro em termos econômicos e políticos. Não tem projeto. Essa é uma diferença enorme. Quando os militares diziam que tinham realizado uma revolução, na cabeça deles, eles tinham. Eles estavam propondo o projeto do Brasil grande, do Brasil potência que os EUA tinham prometido. Imagine se o Olavo de Carvalho é capaz de pensar um projeto para a Nação, se o Kim Kataguiri é capaz de um projeto para o Brasil. No lugar do projeto, se tem uma coisa interessantíssima, que é o que dá ao Bolsonaro o poder jun-

to às armas. Quando a gente fala do número de militares no governo e nos governos, eles não estão presentes lá como militares, eles estão presentes como aqueles que galgaram um posto no mundo neoliberal de formação rápida de riquezas e interesses econômicos. Então, eles estão agarrados aos cargos, não para a realização de um projeto nacional, mas por interesses econômicos pessoais e às vezes corporativos. Essa é uma diferença profunda.

#### – Soluções diferentes para crises institucionais diferentes...

– É isso que faz com que o “cara” saia no dia 7 de Setembro e o golpe não aconteça. Ele prepara o golpe, ele monta o esquema dos caminhoneiros e o golpe não acontece, porque não interessa para esses militares que estão no governo, alterar a situação na qual eles estão, por enquanto. Isso é muito instável, pode ser que amanhã seja outra coisa. Isso faz uma diferença grande. As Forças Armadas de 1964 não são as Forças Armadas de 2021.

Em 1964 não havia a percepção da possibilidade de um golpe. Como a coisa estava estruturada, você tinha a Aliança para o Progresso caminhando não através do governo federal porque o Jango estava lá. Caminhava através de governos estaduais. Havia governadores e legislativos sendo inteiramente patrocinados ideologicamente e financeiramente pela operação da Aliança para o Progresso. Por outro lado, havia do lado ideológico um aglomerado de deputados estaduais e federais que estavam fazendo a tarefa da desestabilização. Em São Paulo, por exemplo, se tinha Auro de Moura Andrade, Cunha Bueno e você tinha o governador Adhemar de Barros. Em Minas, tinha o Magalhães Pinto. Então, se tinha uma infraestrutura no universo político de governa-

dores e de deputados estaduais e federais vinculados ao projeto da Aliança para o Progresso. Eles se unem à extrema-direita da Igreja, a dom Jaime de Barros Câmara, e começam aquilo que na década de 1950 e, depois, no início de 1960 funcionava para a classe média que era o horror, o pânico do comunismo. A ideia era que você tinha que salvar o país do comunismo.

Ao mesmo tempo em que você tinha tudo isso sendo montado, como estava funcionando

## A BURGUESIA SE DEU CONTA DE QUE NÃO TEM CONTROLE SOBRE BOLSONARO, NÃO TEM O CONTROLE SOBRE NADA DA ECONOMIA. ACORDOU AGORA

do ponto de vista dos que estavam à esquerda. [Miguel] Arraes estava realizando as Ligas Camponesas e o projeto educacional do Paulo Freire e aquilo estava germinando e progredindo no Nordeste. [Leonel] Brizola estava fazendo coisas semelhantes no Rio Grande do Sul. Eles não estavam pensando em uma reação que pudesse haver. Jango estava convencido de que existia um racha na Igreja e nas Forças Armadas e a ideia deles era de que o golpe não aconteceria porque as Forças Armadas estavam dividi-

das e esse foi um equívoco monumental que cometeram.

#### – Agora não têm projeto.

– A estrutura da sociedade é a mesma, a tendência aos golpes de Estado permanece, a maneira pela qual a burguesia brasileira mantém o poder é através do controle direto que tem sobre os chefes de Estado, mas não tem projeto, não tem programas, as Forças Armadas estão vinculadas ao mundo neoliberal e o anticomunismo pega nesses 25%, 27% do eleitorado dele. Não pega mais sobretudo no grande eleitorado popular porque houve o governo Lula e o governo Dilma. Houve a experiência de governos de esquerda sem que acontecesse o Doutor Jivago, que era, por exemplo, o que a Globo exibia toda noite durante a campanha eleitoral de 1989, na campanha do [Fernando] Collor.

Então, para essa comparação com 1964, 1968 ou com o Collor, eu vou usar uma imagem que me parece muito propícia: a História acontece no mínimo sempre duas vezes. Na primeira, como tragédia. Na segunda, como farsa. Não que a farsa não seja uma coisa terrível. Ela não é uma comédia, ela é uma farsa. Então, como disse um conhecido meu, o 7 de Setembro foi o “18 Brumário” que não aconteceu. Não tem estrutura para que aconteça. A burguesia se deu conta não de que não tem controle sobre Bolsonaro, não tem o controle sobre nada da economia. Na hora em que pegou o Capital de jeito e pode estraçalhar aqui, não. Eles não aceitam.

– O bolsonarismo que ascendeu tão rápido, já está em decadência? Pelo que a senhora disse, o que levou o Bolsonaro ao poder não se repete, ele não vai conseguir enganar as pessoas de novo. Então, só o que sobraria para ele seria o golpe, é isso?

– Eu vejo assim. Mas eu não acho nem que seja porque ele não consegue mais enganar. É que o que se esperava dele, não cumpriu. Ele se desmanchou por isso, porque foi uma aposta que foi feita de um lado – “é um fantoche que vamos puxar os fios” – do outro lado, da extrema-direita – “é aquele que vai dar as armas e o país para nós”. E ele não cumpriu nenhuma das duas. Eu não acho tanto que é porque o governo é um desastre. Dentro do que eles estavam se propondo, fizeram muita coisa, olha o desmatamento. Mas eu acho que é porque dos dois lados havia um pressuposto que não foi cumprido. E ele poderia ter feito isso. Na hora em que ele comprou o Centrão, tinha a faca e o queijo na mão. Veja que o impeachment não sai nunca. A CPI da Covid vai mostrar coisas inenarráveis e estamos vendo a ponta do iceberg porque o que eles têm de documentação é uma coisa absolutamente gigantesca, mas não vai acontecer nada a não ser o desgaste dele e o isolamento em que vai ficar.

**– A partir desse desgaste do Bolsonaro, qual a senhora acha que seja o desafio da esquerda brasileira para conseguir voltar ao poder em 2022?**

– Primeiro, eu acho que a gente precisa modular melhor a expressão “união das esquerdas”. E eu vou começar com uma coisa que é o contrário disso para poder chegar na minha conclusão. Uma das coisas mais ricas, historicamente mais interessantes, é a pluralidade da esquerda. Por que que há uma pluralidade? Porque ao contrário da direita que, simplesmente, exerce o domínio econômico, social e o poder político e, portanto, pode ter um pequeno conjunto básico de ideias que serve para toda ocasião, no caso da esquerda existe uma reflexão contínua sobre a realidade,

uma análise contínua. Existem perspectivas de análise diferentes, então, ao invés de considerar, como todo mundo considera, que a pluralidade e as divergências no interior da esquerda são um mal, elas são um bem. É isso o que faz com que as esquerdas, ininterruptamente, tenham presente um fantasma que elas têm que combater, que é o fantasma do dogmatismo. Mas existem três ou quatro pontos comuns e quando falamos em união temos que ir em busca desses pontos comuns

## UM DOS DESAFIOS É REFAZER O CONCEITO DE POLÍTICA E O INTERESSE E O RESPEITO PELA POLÍTICA. NÃO FAZER DELA UMA COISA ODIOSA

que permitem, na pluralidade de perspectivas, operar em conjunto. Então, quando eu falo que nós vamos ter que unir as esquerdas, é nessa perspectiva. O que temos que ter juntos é um projeto e um programa, sem abdicar das nossas diferenças.

Agora, é claro que a gente quer a vitória do Lula. A gente precisa da vitória do Lula. O Brasil precisa. É a primeira vez que eu digo uma coisa dessa na minha vida. Mas o Brasil precisa. O que aconteceu conosco foi de tal ordem, de tal desestruturação, de

tamanha bandidagem, canalhice, crueldade e ódio, chegou a um ponto tal que a gente precisa de alguém que tenha a força política, a força moral e a força psicológica para dizer “chega”. E o Lula tem. Agora, vai ser uma tarefa hercúlea porque você vai ter que refazer o Brasil, refazer as instituições. A economia vai se virar, a gente sabe que o capitalismo se vira. A questão é o social e o político que foram desmanchados.

Primeiro, refazer o conceito de política e o interesse e o respeito pela política, não fazer da política uma coisa odiosa e odienta. Porque é o que você vê, quando você vê essa bandidagem, porque eles são gangsters, a tendência do senso comum é dizer que a política é isso. É importante que a gente desmanche isso desde agora porque se o Doria for candidato, esse vai ser o discurso dele. E esse foi o discurso do Collor: “eu sou um gestor, eu não sou um político”. É por isso que eu tenho me empenhado tanto em fazer a crítica do neoliberalismo, do ponto de vista político, como a ideia de que o Estado é uma empresa e que você precisa de um gerente. Porque gestor é isso. Gestor é a palavra elegante, moderninha e engraçadinha para falar gerente. Mas desde quando o Estado precisa de um gerente? Então precisa desmontar desde já a ideia de que a política é gestão. O discurso que o tal centro vai trazer é esse. Vão dizer que não farão política porque política é politicagem e ainda vão dizer que vão proteger do comunismo, vão gerir.

Então, eu diria que a tarefa vai ser hercúlea, gigantesca. Porque uma coisa é você pegar o governo depois do PSDB, depois do Fernando Henrique. Outra coisa é você pegar depois do Temer e do Bolsonaro. E num primeiro momento vai haver uma expectativa popular tão grande que vai

O QUE ACONTECEU CONOSCO FOI DE TAL ORDEM, DE TAL DESESTRUTURAÇÃO, DE TAMANHA BANDIDAGEM, CANALHICE, CRUELDADE E ÓDIO, QUE A GENTE PRECISA DE ALGUÉM QUE TENHA A FORÇA POLÍTICA, MORAL E PSICOLÓGICA PARA DIZER “CHEGA”. E O LULA TEM



Ricardo Stuckert

ser frustrada. Será complicadíssimo. É por isso que a unidade da esquerda é tão importante. Mas, ao mesmo tempo, precisamos desmontar o discurso da política como gestão. A extrema-direita, o Bolsonaro está se encarregando de desmontar enquanto força política. Ela continua sendo uma força eleitoral, mas como política, ele a desgastou. Mas os liberais vêm com tudo com a ideia de que não é preciso fazer política, é preciso gerir. E a primeira crítica através da Rede Globo que vai ser feita a um governo de esquerda e a um governo Lula vai ser essa.

**– Aos 80 anos, depois de tudo isso que vivemos e da visão crítica que a senhora tem sobre a classe média e a elite brasileira, a senhora continua otimista quanto ao nosso futuro?**

– Olha, eu não diria que eu sou otimista. Eu sou cautelosa. Tudo o que eu falei aqui dá mostras

de uma visão cautelosa. Mas eu acho que nenhum de nós à esquerda têm o direito de não trabalhar com a esperança. Temos a obrigação política, ética e intelectual de descortinar as possibilidades do futuro. Eu sempre digo que “a luta continua” porque é preciso fazer isso. Veja, Spinoza – eu quero encerrar com o meu filósofo do coração e da cabeça – diz que nós somos seres essencialmente afetivos, que nós sentimos o que se passa no nosso corpo, na relação do nosso corpo com os outros corpos e na nossa relação com os outros. Nós somos sentimentos. Nosso pensamento é um tipo de sentimento. Spinoza diz que é um desejo racional ou é uma razão desejante. Pensar é um desejo, é um afeto. E ele diz que existem três afetos que estão na origem de todos os outros e de tudo o que nós somos: a alegria, a tristeza e o desejo. A

alegria não é ficar “contentinho”. Alegria é aumentar a capacidade de existirmos e dos outros existirem também. É aumentar a potência do nosso ser. Os afetos de alegria aumentam a potência da nossa existência, do nosso ser e dos que nos rodeiam. A tristeza faz exatamente o contrário. A tristeza abaixa a nossa potência existencial, a nossa potência de sentir, a nossa potência de pensar e a dos outros. E o desejo é o que nos leva a fazer alguma coisa. Entre os afetos de alegria, Spinoza coloca o amor e a esperança, e entre os afetos de tristeza ele coloca o ódio e o medo. O medo e a esperança se opõem e o amor e ódio se opõem e a oposição é entre o que faz crescer a nossa força vital, a nossa força de pensamento, a capacidade transformadora do nosso desejo e aquilo que mata isso na raiz. Então, entre o medo e a esperança, eu escolho a esperança. •

# GOVERNO AFUNDA. E CADÊ O CAPITÃO?

Inflação descontrolada, desemprego recorde, recessão à vista, pobreza, crise elétrica e hídrica... Os problemas se avolumam e o país segue sem rumo. Bolsonaro finge que governa, mas só há uma saída: **O timoneiro é Lula**

Sérgio Moro

Sarah Winter

Roberto Jefferson

PSD, MDB, PSDB

EMPRESÁRIOS

**B**astou uma semana após a rendição de Jair Bolsonaro costurada por Michel Temer para que a nau do governo, que já vinha à deriva, começasse a sofrer sucessivos reveses. Primeiro, os índices da economia continuam apontando o desastre da política adotada por Paulo Guedes sobre o país passados 2 anos e oito meses. A ruína social e os dados da economia mantêm o Palácio do Planalto navegando em águas turvas e tempestuosas.

A estagflação passou a assombrar Guedes e os engomadinhos da Faria Lima. Uma combinação fatal de paralisia da atividade econômica com inflação alta. A inflação dos últimos 12 meses, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), está em 9,68, o Brasil vive grave quadro cambial, com dólar nas alturas, e há risco real de um novo apagão, o que não estimula ninguém a aumentar a produção.

Para piorar, o PIB do segundo trimestre recuou 0,1%, o terceiro pior resultado entre os países que formam o G-20, segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A média mundial foi de 3% de crescimento. Para 2022, nem mesmo a equipe econômica arrisca confirmar em público a previsão otimista de Paulo Guedes de 2% de crescimento. O mercado aposta entre 0,3% e 0,5%. Isso em pleno ano eleitoral. No máximo 1%. Ou seja, passados cinco anos do golpe contra Dilma Rousseff, o país está pior e o voo de galinha é obra de Guedes. O desemprego aperta 15 milhões de brasileiros.

Daí o desespero de Bolsonaro, que sonha com um milagre para evitar a derrota nas eleições presidenciais de 2022. O problema é que a rejeição ao presidente não pára de subir. Em apenas nove



Sérgio Lima/AFP

**NÃO TÁ FÁCIL** Irresponsável na condução do país, o presidente paga em popularidade pelas escolhas criminosas feitas no seu governo. Tá derretendo

meses, cresceu 21 pontos percentuais o repúdio ao capitão. Ele agora é rejeitado por 53% dos brasileiros, segundo o Datafolha. Em dezembro, eram 32%. A maioria anseia pela volta do verdadeiro timoneiro no comando do governo: o eterno presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo o Datafolha, Datafolha: 59% dizem que não votariam em Bolsonaro de jeito nenhum, enquanto Lula tem 38% de rejeição.

O mercado ainda tenta encontrar um alento no sonho da terceira via – mas o fiasco da mobilização do domingo, dia 12, que só conseguiu juntar menos de 100 mil na Avenida Paulista – apesar da dança de João Dória e de Ciro Gomes bradando ao lado dos reações do MBL – mostra que dificilmente Lula perde a eleição presidencial em outubro, com risco de liquidar a briga já no primeiro turno.

O fracasso de Bolsonaro em contornar a crise e entregar um país melhor do que recebeu das mãos de Michel Temer é inevitável. O Boletim Focus divulgado

pelo Banco Central na última segunda-feira, 13, revisou para baixo a estimativa para o PIB pela quinta semana seguida. O Itaú Unibanco reduziu sua expectativa de crescimento de 2022 de 1,5% para 0,5%.

O desespero chegou a tal ponto que Bolsonaro descumpriu uma promessa: aumentou imposto. Na quinta-feira, 16, o presidente editou um decreto que determina o aumento do IOF como alternativa para financiar o novo Bolsa Família até o fim do ano. Guedes diz que a alta do IOF permitirá pagar um benefício do novo Bolsa Família no valor de R\$ 300.

A criação do novo programa, batizado de Auxílio Brasil, tem a meta de aumentar de 14,6 milhões para 17 milhões o número de famílias atendidas pelo Bolsa Família. A manobra desagradou empresários e o mercado financeiro. Economistas batem duro: o aumento não só prejudica o consumidor quanto também as empresas e deve pressionar ainda mais a inflação.



Um a um, a turma casca-grossa bolsonarista é enquadrada pelo STF. Abandonados pelo presidente, agora imploram por habeas corpus, anistia ou simples relaxamento

Como nos melhores filmes de gângster, mafiosos e piratas, a crise que engolfou o governo Bolsonaro já descartou muita gente que estava com o capitão no momento de ascensão. Alguns deixaram o governo magoados – o rábula de Maringá, **Sérgio Moro**, foi das primeiras vítimas do cavaleão –, ou os **Weintraub Brothers** – Abraham e Arthur –, auto-exilados nos EUA.

Houve aqueles que escorrem para o ralo e voltaram para o seu lugar, como a 'blogueira' **Sara Winter**, que na última semana surgiu nas redes sociais se queixando do abandono do presidente. Ela agora está calma, em casa, com uma tornozeleira, em prisão domiciliar. Outros não tiveram sequer a sorte de integrar o governo e foram largados pela estrada da destruição e morte que o governo conseguiu pavimentar em apenas dois anos e oito meses.

Afinal, onde estão fiéis escudeiros do bolsonarismo, largados à própria sorte pelo presidente e a família no primeiro perrenque institucional? Veja o caso do ex-deputado **Roberto Jefferson**, presidente nacional do PTB. Aparecia nas redes sociais portando armas de grosso calibre, xingava o ministro Alexandre de Moraes – o "Xandão" –, até ser preso e co-

locado numa cela em Bangu.

**Bob Jeff** defendeu o fechamento da Suprema Corte e a adoção de um novo AI-5 pelo presidente. Depois de preso, mudou o tom. Agora, está piando fino, pedindo penico para pelo menos colocar uma tornozeleira e ir para casa no interior do Rio.

Já o ativista **Zé Trovão**, que se autointitulava líder dos caminhoneiros, debochou dos ministros da Suprema Corte, desafiou o ministro Alexandre de Moraes a prendê-lo no 7 de Setembro, e agora está em algum canto do México, se escondendo da Polícia Federal, que tem ordem para sua prisão. Descobriu-se na última semana que Trovão nem tem carta de habilitação para conduzir caminhões. O Trovão agora fraqueja como um covarde.

Ele aguarda um habeas corpus que teria sido negociado por Michel Temer com o "Xandão", mas já pediu asilo político ao governo do presidente de esquerda André Manuel Lopez Obrador. Difícil imaginar que venha a ter êxito.

Menos sorte teve o deputado **Daniel Silveira** (PSL-RJ), preso desde fevereiro por determinação do ministro Alexandre de Moraes. O ex-PM que se vangloriava de que espancaria ministros da Suprema Corte, chamou o minis-

tro Luiz Edson Fachin para sair no tapa, estava com tornozeleira em casa, também em prisão domiciliar, mas voltou para cana dura. Tudo por violar as determinações da Justiça e ignorar que não tem salvo-conduto. Também tem piado mais fino.

Os outros dois personagens largados à própria sorte são o cantor **Sérgio Reis** e **Allan dos Santos**. O primeiro prometia levar uma multidão para tirar ministros da Suprema Corte: "Se em 30 dias não tirarem aqueles caras nós vamos invadir, quebrar tudo e tirar os caras na marra. Pronto. É assim que vai ser". Diante da reação do STF, piou fininho, posou num leito de hospital – "passando mal" – e pediu à mulher para dizer que está arrependido. Difícilmente vai escapar de uma condenação.

O blogueiro **Allan dos Santos**, que vive agora nos EUA, de onde imagina que será convidado a voltar para assistir ao fechamento do regime, imaginava que o 7 de Setembro seria a glória, com o presidente decretando Estado de Sítio e "baixando o pau nos comunistas". Acordou com a rendição administrada por Michel Temer. Sentindo a derrota, escreveu no twitter: "Game over". Parece que a ficha para essa turma caiu. •



**RINDO DE QUÊ** Naji Nahas e Michel Temer, a fina flor da elite trambiqueira

## O JANTAR DO DEBOCHE

Um convescote reunindo a fina flor da elite paulistana – do doleiro Naji Nahas ao dono da Band, Johnny Saad –, na noite de segunda-feira, 13, é o retrato perfeito do Brasil de Bolsonaro. Um ex-presidente rindo do atual presidente, enquanto o filho de um ex-bolsonarista – ele próprio dublê de intérprete junto a Trump – imita Jair Bolsonaro de maneira boçal e caricata. À mesa, os comensais se engasgam nas próprias gargalhadas, com as bocas escancaradas, enquanto o garçom segue a servir vinho e uísque. Um ultraje a rigor.

A cena correu o Brasil a partir de terça-feira nas redes sociais e rendeu notas auto-elogiosas do aprendiz de marqueteiro Elsinho Mouco, responsável pela gravação do flagrante debochado em que Michel Temer (MDB) se escangalha de rir com a imitação tosca de Bolsonaro encenada por André Marinho, filho do magano Paulo Marinho, um bolsonarista de primeira hora que rompeu com o capitão em 2020 depois de comprar briga com os filhos do presidente, e agora posa de democrata.

O texto de André Marinho, que se notabilizou na emissora bolsonarista Jovem Pan, é um primor do pensamento do capitão: “E essa

cartinha que eu recebi, é tua?”, diz André, olhando para Temer, que acena com a cabeça e sorri, abobalhado. “Achei ela meio infantil, meio marica, eu estou achando que foi o Michelzinho que mandou para mim”, afirma o aprendiz de comediante, referindo-se ao filho de 12 anos do ex-presidente.

“Cadê a parte que eu combinei contigo de queimar o STF? Cadê a parte que eu combinei de roubar as perucas do [Luiz] Fux [presidente do STF]? Cadê a parte que eu combinei de botar o pau de arara na Praça dos Três Poderes e dar de chicote no lombo de Alexandre de Moraes? Assim não vai dar!”, continua André Marinho. Na mesa, todos riem, enquanto a câmera de Mouco mostra os convivas.

Participam do jantar: Paulo Marinho, empresário, 1º suplente do senador Flávio Bolsonaro e hoje em SP engajado na campanha de João Dória; Gilberto Kasab, presidente nacional do PSD; Johnny Saad, presidente do Grupo Bandeirantes; Roberto D’Ávila: empresário e apresentador da GloboNews; Tônico Pereira, ex-editorialista do Estadão; Naji Nahas, empresário suspeito de trambiques no mercado financeiro nos anos 90; e Raul Cutait: cirurgião do hospital Sírio-Libanês. •

## QUEM FINANCIA OS ATOS GOLPISTAS

O vice-líder da Minoria na Câmara, deputado José Guimarães (PT-CE), protocolou na segunda-feira, 13, requerimento para a criação de uma CPI para apurar informações sobre atos golpistas contra o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Congresso Nacional ocorridos no último 7 de setembro, convocados pelo presidente Jair Bolsonaro.

“Vejo como algo extremamente necessário e relevante a criação desta CPI, para que possamos investigar a fundo os atos golpistas em comemoração do Dia da Independência, com vistas a se apurar eventuais irregularidades e/ou ilegalidades”, defende.

Em fase de coleta de assinaturas junto aos demais parlamentares da Câmara, o requerimento justifica a necessidade da CPI para descobrir quem são os responsáveis pela convocação e financiamento dos atos, bem como se houve investimento de recursos públicos.

Na mesma direção, o senador Humberto Costa (PT-PE) enviou ofício ao ministro do STF, Alexandre de Moraes, pedindo a abertura de investigação sobre o financiamento das manifestações convocadas por bolsonaristas no Dia da Independência.

“Precisamos saber quem está pagando essa conta e com que dinheiro”, cobrou o senador, anexando ao pedido informações que circularam nas redes sociais, entre elas um vídeo com apoiadores dentro de um ônibus de turismo “comemorando” a distribuição de camisetas e R\$ 100 para cada “manifestante”. •



## UNIDADE NA OPOSIÇÃO CONTRA BOLSONARO

PT, PSOL, PCdoB, PSB, PDT, Rede, PV, Cidadania e Solidariedade anunciam que também estarão com movimentos sociais e frentes populares durante os atos de mobilização nacional de 2 de outubro e 15 de novembro

Os partidos de oposição ao governo Bolsonaro anunciaram novos atos contra o presidente da República a serem realizados em 2 de outubro e 15 de novembro. Em reunião na quarta-feira, 15, líderes da oposição ao Palácio do Planalto trataram de articular novas grandes mobilizações. O objetivo é claro: ampliar os apoios ao impeachment do ex-capitão.

Participaram da reunião líderes do PT, PSOL, PCdoB, PDT, PSB, PV, Rede, Solidariedade, Cidadania. “Vamos unificar os atos nacionais #ForaBolsonaro de 02 de outubro em todo o país, somando-se aos movimentos sociais e sindical. Por Emprego, renda e contra a carístia”, anunciou a presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR).

“Precisamos somar forças! É tempo de povo na rua. De mobilizar partidos, movimentos so-

ciais, artistas e personalidades diversas, como vimos em outros momentos de nossa história”, disse Luciana Santos, vice-governadora de Pernambuco e presidente nacional do PCdoB. “Como sempre defendemos, só uma frente ampla será capaz de barrar o retrocesso, devolvendo esperança para o nosso povo”.

“A data de 2 de outubro já havia sido apontada pela campanha nacional Fora Bolsonaro, formada pelas frentes Povo Sem Medo e Brasil Popular. É, portanto, um gesto de generosidade desses partidos acolher o dia 2 como referência para uma primeira manifestação unificada. É um bom começo!”, saudou o presidente do PSOL, Juliano Medeiros.

“Além de partidos de oposição e movimentos sociais, queremos fazer algo ainda mais amplo, com a presença de governadores, artistas, personalidades diversas”,

disse Juliano. “Sem sectarismos, sem antecipar debates eleitorais, sem hostilidades. Vamos avançar e vamos derrubar Bolsonaro! Há esperança!”, completou.

O presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, também comemorou a unidade alcançada pelos partidos de oposição. “Rechaçamos qualquer tentativa de Bolsonaro de implantar uma ditadura no país. Somos pela democracia!”, apontou.

Também o presidente do PDT, Carlos Lupi, elogiou a iniciativa e disse que a unidade da oposição é um marco. “Estamos avançando. Hoje, participaram setores da sociedade civil organizada, centrais sindicais e estamos já engajados para a manifestação de 2 de outubro e fechando acordo para um grande manifestação dos democratas do Brasil no dia 15”, apontou. “Há conversas com o PSDB, DEM, PSD, MDB e Novo”. •

# PANDEMIA



**IRRESPONSÁVEL** Ministro suspendeu recomendação da vacinação de jovens

## A ÚLTIMA DO QUEIROGA É NEGAR VACINAS

Ministro acata decisão de Bolsonaro e suspende campanha de vacinação em adolescentes, quando o Brasil se aproxima da marca de 600 mil mortos na pandemia

**N**ão adiantou tirar o Eduardo Pazuello do Ministério da Saúde, porque o presidente Jair Bolsonaro continua a sabotar a Saúde pública, desrespeitando as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Na última semana, o médico Marcelo Queiroga, que substituiu o general no comando da Saúde, submeteu a campanha de vacinação contra a Covid aos caprichos do Palácio do Planalto. Ele retirou a recomendação para a vacinação de adolescentes sem comorbidade justamente quando o país se aproxima da marca histórica de 600 mil mortos na pandemia.

A decisão foi tomada por Bolsonaro sem consultar infectologistas e nem outros especialistas e acatada pelo ministro Marcelo Queiroga, que aceitou até mesmo mentir para encobrir que a medida se deveu à incompetência do governo. Após o Ministério da Saúde retirar a recomendação, Queiroga confirmou a jornalistas a influência de Bolsonaro na decisão. Omisso, ficou calado quando, na live semanal de quinta-feira transmitida pelas redes sociais, Bolsonaro mendiu que “a OMS é contra a vacinação entre 12 e 17 anos”.

A afirmação é uma mentira, conforme os conselhos de secretários estaduais de Saúde (Conass) e municipais (Conasems),

que denunciaram a decisão política e não técnica, que compromete o controle do vírus. “Ao implementar unilateralmente decisões sem respaldo técnico e científico, coloca-se em risco a principal ação de controle da pandemia”, aponta nota.

Cientista da Fiocruz, Margareth Dalcomi deixou claro, em entrevista à CNN Brasil, que Bolsonaro e Queiroga mentiram. “De modo algum a OMS colocou em questão a segurança e a validade da vacina no grupo etário (adolescentes)”, disse. “Justificar (a decisão dizendo) que há efeitos adversos da vacina da Pfizer em adolescentes não corresponde à realidade”. A pesquisadora apontou ainda para a verdade: “Se está faltando vacina, nós temos que providenciar as vacinas no quantitativo necessário”.

A medida do ministério gerou uma imensa confusão. Como os estados não são obrigados a seguir as recomendações do Programa Nacional de Imunização, muitos mantiveram a vacinação, que já estava bem adiantada, em nova demonstração da incapacidade do governo federal de coordenar o combate à pandemia.

Ex-ministro da Saúde, o deputado Alexandre Padilha (PT-SP) denuncia que o governo adotou a suspensão da vacinação entre jovens porque não há doses suficientes para o público-alvo: os idosos. “Graças à inércia desse desgoverno, o Brasil só tem a vacina da Pfizer para adolescentes”, lamentou. “Na prática, o que o ministério quer fazer – fingindo que é outra coisa – é pegar as vacinas que seriam para adolescentes e vacinar a população idosa. Em suma: bloqueou testes com coronavac, mas agora vai tirar de uma parte da população. Resumo: falta de planejamento, como sempre”. •

# O ESCÂNDALO DA PREVENT SENIOR

Empresa ligada à família Bolsonaro é acusada de adotar tratamento precoce a pacientes internados, mesmo sabendo da ineficácia do uso da cloroquina. CPI vai reconvocar diretor do plano de saúde macabro

Alessandro Dantas

**A** CPI da Covid decidiu na quinta-feira, 16, reconvocar Pedro Benedito Batista Júnior, diretor-executivo da operadora de saúde Prevent Senior. Ele recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) para obter o direito de permanecer em silêncio durante a oitiva, mas há muito o que esclarecer. Documentos obtidos pela comissão apontam que a Prevent Senior adotou de forma indiscriminada aos seus pacientes a prescrição de remédios do chamado “kit covid”, comprovadamente ineficazes para o tratamento da doença.

Integrantes da CPI querem investigar as ligações entre o gabinete paralelo do Ministério da Saúde – grupo de assessoramento extraoficial de Bolsonaro que defende a imunidade de rebanho e o tratamento precoce –, e as práticas adotadas pela Prevent Senior durante a pandemia. As investigações do colegiado apontam que a médica Nise Yamaguchi e o empresário Carlos Wizard seriam alguns dos integrantes do chamado gabinete paralelo.

“Esse não comparecimento [à CPI] e a ida ao STF [para garantir o direito ao silêncio] é paradoxal. Afinal de contas, essas pessoas têm propalado que o trabalho desenvolvido por essa instituição é preciso, científico e o objetivo é ajudar a enfrentar a pandemia. Nada mais natural que essas pessoas quisessem vir aqui”, disse o senador Humberto Costa (PT-PE).

“É uma contradição que eles tenham tantas coisas boas feitas e peçam ao Supremo para ficar em silêncio”, ironizou.

A Prevent Senior é investigada desde março pelo Ministério Público de São Paulo. O órgão abriu inquérito civil para apurar denúncia de associados que estavam recebendo o kit covid sem nem sequer terem confirmado o diagnóstico de Covid-19. A CPI também investiga a possível ocultação de mortes, por parte da Prevent Senior, de pacientes que participaram de um estudo realizado pela empresa para testar a eficácia da hidroxicloroquina, associada à azitromicina, para tratar a Covid-19. O estudo contou, inclusive, com o apoio explícito do presidente Jair Bolsonaro.

“Nós precisamos atentar para um fato muito grave desse pessoal da Prevent. Eles estão aqui, numa nota pública, veladamente ameaçando as pessoas que quiseram contribuir com a CPI. Diz a nota: ‘A Prevent Senior vai pedir investigações ao Ministério Público de denúncias infundadas e anônimas levadas à CPI por um suposto grupo de médicos’. É grave. A pessoa não vem aqui e ameaça as pessoas que estão contribuindo com a CPI”, denunciou o senador Jean Paul Prates (PT-RN), líder da Minoria.

Ainda há outra suspeita pensando contra a Prevent Senior, que teria manipulado estudo sobre a eficácia da hidroxicloroquina associada à azitromicina no tratamento contra a Covid-19



**HUMBERTO** Senador quer explicações do diretor da empresa, que tenta fugir do depoimento à CPI

e na divulgação dos dados, mortes de pacientes teriam sido ocultadas. A pesquisa começou a ser feita em 25 de março deste ano e, numa mensagem publicada em grupos de aplicativos de mensagem, o diretor da operadora, Fernando Oikawa, orienta os subordinados a não avisar os pacientes e familiares sobre a medicação.

Dos nove pacientes que morreram, seis estavam no grupo que tomou hidroxicloroquina e azitromicina. Dois estavam no grupo que não ingeriu as medicações. Há um paciente cuja tabela não informa se ingeriu ou não a medicação. Houve, portanto, pelo menos o dobro de mortes entre os participantes que tomaram cloroquina. •

# STF DERRUBA MP DAS FAKE NEWS

A pedido do PT, Rosa Weber suspende a medida provisória editada por Bolsonaro que favorecia as milícias digitais. Norma dificultava a remoção de notícias falsas da internet. No Senado, outra derrota do governo, com Rodrigo Pacheco devolvendo proposta ao Planalto

Marcelo Camargo/Agência Brasil

A democracia obteve na semana que passou duas vitórias importantes sobre o governo de Jair Bolsonaro. As narrativas falsas do presidente na internet podem estar com os dias contados, a depender do Supremo Tribunal Federal (STF). Na noite de terça-feira, 14, a ministra Rosa Weber suspendeu os efeitos da Medida Provisória 1068, que alterava o Marco Civil da Internet para dificultar a remoção de fake news das redes sociais. Ela atendeu a uma ação direta de inconstitucionalidade movida pelo PT.

No Senado, Bolsonaro obteve outra derrota dura, quando o presidente Rodrigo Pacheco (DEM-MG), decidiu pela devolução da mesma MP, editada pelo Palácio do Planalto na véspera dos atos contra a democracia, organizadas por Bolsonaro para o Dia da Independência. Na prática, as duas decisões restauram as regras originais do Marco Civil da Internet, aprovada durante o governo Dilma Rousseff.

A medida provisória viola a liberdade de expressão e dificulta a remoção de postagens na internet de conteúdo falso ou com discurso de ódio, ao mesmo tempo em que interfere nos termos e políticas das empresas dos provedores de internet.

Na ação direta de inconstitucionalidade, o advogado Eugênio Aragão – ex-ministro da Justiça no governo Dilma – argumenta



**ARGUMENTO** Na ação ao STF, o ex-ministro Eugênio Aragão diz que o governo tentou subverter a vontade do legislador que aprovou Marco Civil da Internet

que a MP desinforma e estimula o discurso de ódio na internet. “A medida tem o notório intuito de subverter a vontade do legislador infraconstitucional positivada no Marco Civil da Internet, com vistas ao favorecimento de usuários de redes sociais que extrapolam a liberdade de expressão e promovem a desinformação e o discurso de ódio”, ressaltou.

O argumento pesou na decisão de Rosa Weber. “As empresas e provedores de redes sociais estão, no momento, em situação de manifesta insegurança jurídica, despendendo recursos humanos e econômicos para adequação de suas políticas e de seus termos de uso a medida de duvidosa constitucionalidade”, lembrou a magistrada, em seu despacho.

Ela puxou a orelha do presiden-

te da República: “Não é de hoje que se tem observado, na prática, a edição excessiva, exagerada e abusiva de medidas provisórias, apesar de sua índole excepcional”, observou a ministra. “Salta aos olhos a indubitável ausência de urgência nos moldes impostos pela Constituição Federal”.

Rosa Weber mandou um duro recado, na liminar concedida ao PT: “De longa data, esta Suprema Corte tem registrado enorme preocupação com tal fenômeno, em que há apropriação da agenda do Congresso Nacional, acarretando verdadeira subversão do processo legislativo constitucional, com nítida desconfiguração da separação de poderes”. Desde o início deste ano, Bolsonaro já assinou mais de 40 medidas provisórias. •

# NÃO À LIBERDADE DA MENTIRA

A propagação de fake news e ataques às instituições não acontece à toa. Serve para mascarar os verdadeiros problemas do país: fome, desemprego, recessão e destruição do meio ambiente

Paulo Rocha



**A** derrota dupla imposta à MP de Bolsonaro que dificultava o combate às fake news foi um dos mais importantes movimentos de reação institucional do país contra a avalanche de mentiras a que a população está submetida nos últimos anos.

A aberração era tamanha que, no mesmo dia, o presidente do Congresso, alegando afronta à Constituição, devolveu a MP ao governo - que nem sequer tramitou no Parlamento - e o STF deferiu liminar em ação do PT para suspender seus efeitos.

As duas decisões mostram a força das nossas instituições democráticas, impedindo que a vigência da MP durasse mais do que 10 dias. No entanto, é preciso manter o radar ligado. O desgoverno que ocupa o Planalto já se movimenta para enviar ao Congresso nova ameaça: um projeto de lei com o mesmo conteúdo da MP e prioridade na tramitação.

Como se o problema fosse o formato, e não o conteúdo. É como aquele vendedor de leite estragado que, sem conseguir comprador, volta no dia seguinte com um queijo estragado. Este é o governo da afronta. É uma depois da outra. Escondido atrás da falsa defesa da liberdade de expressão,

Bolsonaro tenta manter intacta a única fronteira que lhe resta para tentar se manter no poder: a mentira.

É típico de governos avessos à democracia e que caminham para o autoritarismo: para defender a "liberdade"

da mentira, nada melhor do que outra mentira. E quanto mais confundir o povo, melhor.

O que está em jogo hoje no Brasil é justamente o direito à liberdade de expressão. Mas, como todo direito, este também não é ilimitado.

Antes da liberdade de expressão, vem o respeito. Respeito às

pessoas, às instituições, à Constituição Federal, às leis. É isso que garante uma convivência saudável em qualquer democracia.

A propagação de mentiras e ataques às instituições não acontece à toa. Serve para mascarar os verdadeiros problemas do país, como a fome, o desemprego, a inflação descontrolada, a recessão, a destruição do meio ambiente, a retirada de direitos sociais e trabalhistas, entre tantos outros.

Com fake news, mentiras, bravatas, ofensas e frases de efeito, Bolsonaro estimula o caos para se manter no poder, que está ameaçado por todos os lados, seja pelas dezenas de pedidos de impeachment, seja pelas investigações de corrupção em curso no STF e outras instâncias, seja pela força do povo, que já sinaliza pelas pesquisas eleitorais uma derrota humilhante nas urnas.

Foi o que vimos no último 7 de Setembro, quando o alucinado presidente e seus apoiadores transformaram uma data de celebração nacional em um lamentável circo de horrores, resultado de anos de bombardeio de fake news via redes sociais.

A bancada do PT está atenta e reagirá com veemência a qualquer ameaça à verdadeira liberdade de expressão e ao Estado Democrático de Direito. As mentiras são próprias de quem quer distorcer a democracia com interesses autoritários. •

**ESCONDIDO ATRÁS  
DA FALSA DEFESA  
DA LIBERDADE  
DE EXPRESSÃO,  
JAIR BOLSONARO  
RECORRE À  
MENTIRA COMO  
ARMA PARA SE  
MANTER NO PODER**

Senador pelo Pará, é líder do PT.

A close-up portrait of Ricardo Stuckert, a man with grey hair and a beard, smiling. He is wearing a dark suit jacket over a white shirt and a blue tie. The background is a soft, out-of-focus green.

# DATAFOLHA: LULA DISPARA

Pesquisa aponta que a popularidade do líder da extrema-direita continua em queda: 53% dos entrevistados consideram o governo ruim ou péssimo. Se a eleição fosse agora, o líder petista chegaria ao Palácio do Planalto já no primeiro turno

**Matheus Tancredo Toledo**

**A**nova pesquisa do Datafolha, realizada entre 13 e 15 de setembro, demonstra um aumento da reprovação ao governo Bolsonaro – um recorde na série histórica do instituto. O levantamento também confirma a vantagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nos cenários de intenção de voto para 2022, no primeiro e no segundo turno. Os dados confirmam tendências de outras pesquisas, que o Núcleo de Opinião

Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo, tem analisado.

De acordo com o Datafolha mais recente, 22% dos brasileiros consideram o governo Bolsonaro ótimo ou bom; 24% como regular; e 53% como ruim ou péssimo. A reprovação ao governo diminui conforme aumenta a renda dos entrevistados: entre aqueles com renda familiar mensal menor que 2 salários mínimos, são 56% de ruim/péssimo; 51% no segmento de 2 a 5 s.m., 50% entre 5 a 10 s.m.

No segmento mais rico da amostra, com renda maior que

10 salários-mínimos – R\$ 11 mil –, 46% reprovam o governo, sendo a única faixa na qual a avaliação negativa recuou nas últimas pesquisas. O único segmento no qual o número de ótimo/bom supera o ruim/péssimo é o que se declara empresário: 47% de aprovação e 34% de reprovação. Como comparação, entre os evangélicos, segmento com maior aprovação ao governo, a reprovação subiu 11 pontos percentuais desde janeiro: 41% veem o governo como ruim/péssimo e 29% o aprovam.

O Datafolha confirmou a van-

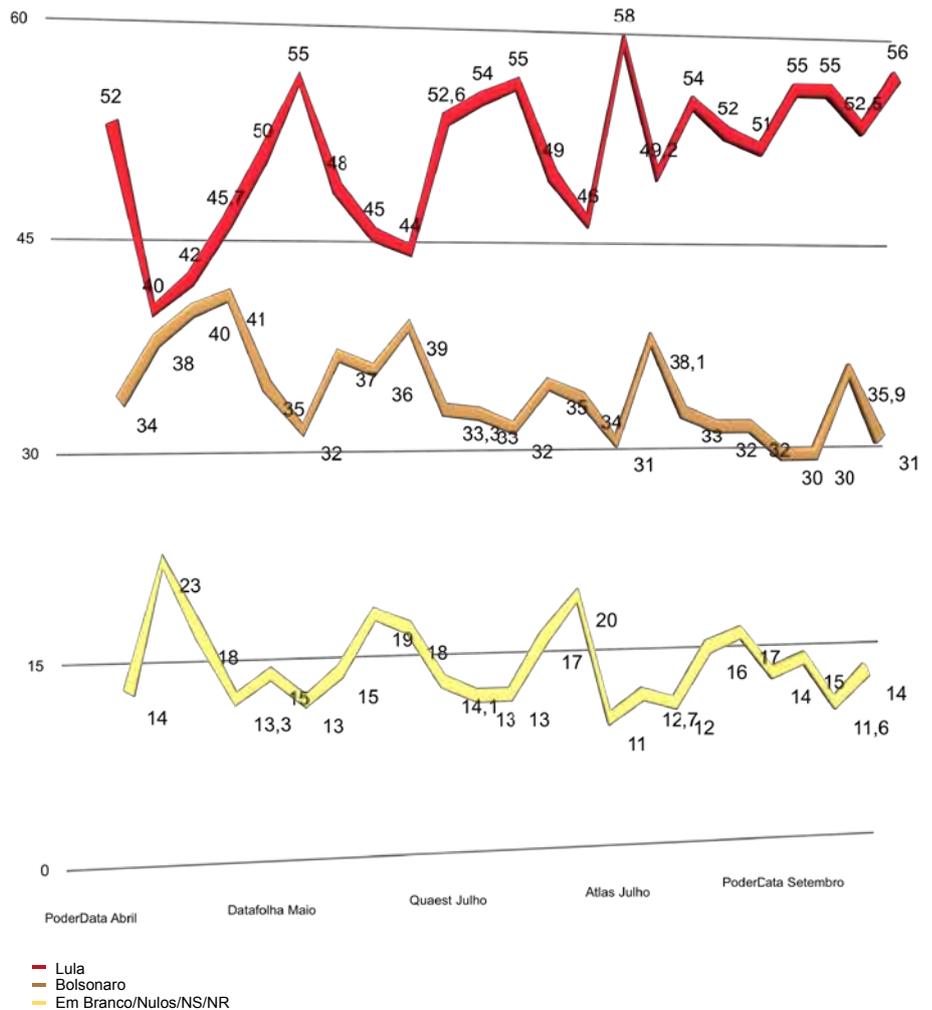
tagem de Lula nas simulações de primeiro turno. No principal cenário, o ex-presidente teria 44% dos votos, Bolsonaro 26%, Ciro Gomes 9%, João Dória 4% e Mandetta 3%. Desconsiderando os brancos, nulos e indecisos, que somam 13%, Lula poderia vencer no primeiro turno – visto que teria mais de 50% dos votos válidos. No cenário mais amplo, com nove nomes, a intenção de voto nos quatro primeiros candidatos não varia para além da margem de erro.

A pesquisa também confirma a larga vantagem de Lula na simulação de segundo turno contra o atual presidente. O ex-presidente da República tem 56% dos votos, contra 31% de Bolsonaro – 25 pontos percentuais de vantagem. Lula também venceria Dória (55% contra 22%) e Ciro (51% contra 29%). Bolsonaro perderia para ambos os candidatos, por uma margem menor – Dória venceria por 12 pontos, 46% a 34%, e Ciro por 19 pontos, 52% a 33%.

O Datafolha mediu a rejeição dos possíveis candidatos: 59% dos eleitores não votariam em Bolsonaro ‘de jeito nenhum’. A rejeição de Bolsonaro é maior entre as mulheres (64%), jovens (70%), pretos (67%), no Nordeste (70%) e entre estudantes (73%). Lula tem rejeição de 38%, número que é maior entre os mais ricos (59%), brancos (45%), renda de 2 a 5 salários mínimos (46%), escolaridade superior (46%) e evangélicos (47%). João Dória Junior tem rejeição de 37% e Ciro Gomes de 30%. Não houve variação para além da margem de erro, nos números totais, em relação à pesquisa anterior realizada em julho de 2021.

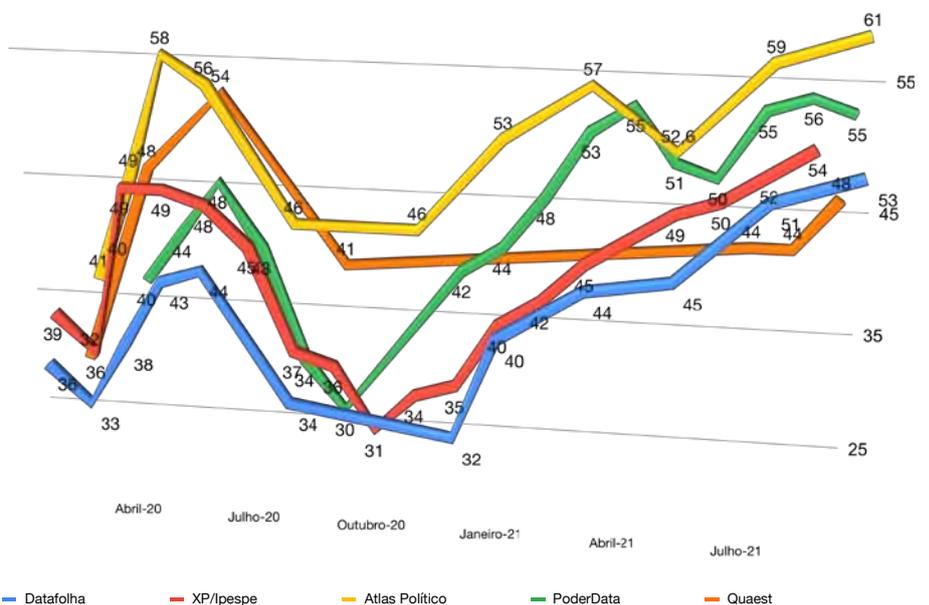
Cientista político, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da FPA.

## 2º turno Lula x Bolsonaro | Evolução



Elaboração: Noppe/Fundação Perseu Abramo

## Avaliação negativa de Bolsonaro



Elaboração: Noppe/Fundação Perseu Abramo

# LULA GANHA UMA BIOGRAFIA

O consagrado jornalista e escritor Fernando Morais conta o legado do ex-presidente em defesa da democracia, sua passagem à frente do governo e a perseguição política e judicial da qual foi vítima

Um dos mais importantes e celebrados biógrafos do país, o jornalista e escritor Fernando Morais, autor dos festejados livros “Olga” e “Chatô”, lança em novembro a primeira – e aguardada – biografia de vulto de Luiz Inácio Lula da Silva. Editada pela Companhia das Letras, a obra está em pré-venda no site da Amazon e em outras livrarias do país. O lançamento oficial ocorre em 16 de novembro. Fernando Morais ganhou acesso direto e frequente ao ex-presidente, com quem tem realizado nos últimos dez anos dezenas de entrevistas e conversas.

“Grudei nele a partir de 2011, logo que ele deixou a Presidência, antes de ele ser diagnosticado com câncer, para poder recuperar determinadas passagens, [saber dos] bastidores de governo”, relembra o jornalista. “Era uma oportunidade de ouvi-lo dentro de um avião, por exemplo, longe de telefone, secretária, de audiência, isso e aquilo”. O primeiro volume tem 416 páginas e vai da infância de Lula até a prisão em 2018.

Os bastidores da maior perseguição política ao ex-presidente Lula, vítima de lawfare, os momentos históricos da sua vida e o legado em defesa da democracia estão contados nesta primeira biografia sobre um dos maiores líderes políticos do século 21, respeitado no Brasil e no mundo.

Segundo a própria Companhia das Letras, para além de

Reprodução/TV Globo

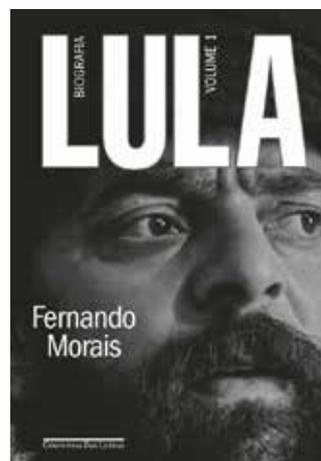


**IMPACTO** Fernando Moraes é dono de uma prosa cinematográfica e o primeiro trecho do livro, liberado pela editora, mostra o ritmo de um thriller

juízos ou paixões, Lula está entre as maiores personalidades políticas da história brasileira. Diz a editora: “Único presidente do país com origens operárias, e campo magnético de um partido profundamente original em suas raízes, exerceu o poder carismático e a influência de modo mais duradouro que qualquer outro homem público no período republicano, salvo talvez Getúlio Vargas – com quem também compartilha a virulência dos adversários”.

Além das dezenas de horas de depoimentos, Morais somou o seu faro de repórter e a prosa cativante para compor o projeto biográfico que traz um painel do personagem em toda sua grandeza e complexidade. Em narrativa que faz uso de recuos e avanços cronológicos para manter um ritmo eletrizante, neste primeiro volume, Morais

vai até o anulamento de suas condenações, em 2021 – passando pelo novo sindicalismo, as greves do ABC, a fundação do PT e a primeira campanha eleitoral. Na página seguinte, leia um trecho do livro.



## Lula. Biografia. Volume 1

Fernando Morais. Companhia das Letras. Lançamento em 16 novembro 2021. Português. Capa comum. 416 páginas. Preço na Amazon: R\$ 74,90

# O TRISTE DIA DA PRISÃO DE LULA

No livro *Lula, Volume 1 - Biografia*, Moraes conta como foi o dia em que o ex-presidente foi levado preso numa espetacular operação da PF. Um relato impressionante contido na obra a ser publicada, pela Companhia das Letras, em 16 de novembro

**Fernando Moraes**

**N**o trajeto entre São Bernardo e a Polícia Federal, Lula viu de perto, como talvez jamais tivesse visto antes, a dimensão do ódio que tinha sido instilado em parte da sociedade contra ele e seu partido. Alertados pelo noticiário transmitido ao vivo por redes de tv, de rádio e pela internet, grupos anti-Lula se postaram no caminho por onde passaria a ruidosa caravana para insultar e tentar agredir o ex-presidente. De cima dos viadutos da rodovia Anchieta, por onde o comboio seguia, lançavam rojões sobre os veículos e atiravam paus, pedras, garrafas va-

zias e o que tivessem nas mãos. Igualmente atingidos pelos manifestantes, logo atrás, grudados nas duas viaturas policiais, iam o Omega e o Focus da equipe de Lula. No primeiro deles, além de Moraes e um dos sargentos da segurança, iam Cristiano Zanin e Sigmaringa Seixas. Na condição de advogado da equipe de defesa de Lula, Sig conseguiu que a Federal autorizasse seu embarque com Lula e Zanin no voo para Curitiba.

Quando o cortejo entrou na sinuosa Hugo D'Antola, onde fica a sede paulista da Polícia Federal, a rua estava inteiramente tomada por manifestantes anti-Lula. Ao contrário do que costuma fazer nesses casos,

a Federal não isolou o quarteirão para impedir o acesso dos ativistas. Muitos deles usando a camisa verde e amarela da Seleção Brasileira de Futebol, homens e mulheres com o rosto crispado investiam contra os veículos, disparando rojões à queima-roupa, quebrando antenas, limpadores de para-brisa e espelhos retrovisores, enquanto outros davam pontapés, pedradas e pauladas na lataria e nos vidros. Avançar com os carros em alta velocidade, para se livrar dos agressores e entrar logo no estacionamento da pf, significava passar por cima de dezenas de pessoas. A fúria dos populares deixou os que iam na caravana com os nervos à flor

da pele. Era compreensível: à exceção de Lula, Zanin e Sigmaringa, todos os demais passageiros de todos os veículos estavam armados. Se um deles, qualquer um deles, decidiu reagir, ainda que defensivamente, estaria aceso o estopim para uma tragédia. Só a sorte explica que dali a minutos estavam todos a salvo e ilesos, no subsolo do prédio da Federal.

Numa sala reservada, um médico pediu ao ex-presidente que se despiusse para que fosse realizado o exame de corpo de delito exigido por lei. Vinte minutos depois de chegar à PF, Lula já estava no helicóptero Bell 412 da corporação que o levaria a Congonhas, cujo espaço aéreo, tal como fora acertado, tinha sido fechado para pouso, decolagens e sobrevoos de helicópteros civis. Junto com ele embarcaram Zanin, Sigmaringa, delegados e agentes da Federal.

No aeroporto paulistano, um incidente quase encrespou a operação. Ao contrário dos colegas, sempre respeitosos com o ex-presidente e seus advogados, o mal-encarado delegado Jackson Rimac Rosales Allanic, de traços faciais indígenas, chefe do Caop (Comando de Aviação Operacional da PF), se dirigiu de maneira áspera a Zanin:

– Vamos ter que algemar o presidente.

Pela primeira vez viu-se o afável Cristiano Zanin elevar o tom de voz e responder com dureza:

– Nada disso! Não, senhor! Algemado ele não embarca. O senhor está violando o mandato de prisão, que veda expressamente a utilização de algemas em qualquer hipótese. Algemado o presidente não embarca.

O policial perdeu a parada, mas não a pose:

– Então levarei as algemas comigo durante o voo. Se for necessário elas serão utilizadas.

Zanin foi seco:

– Isso não será necessário, não acontecerá.

Às 20h45 o ex-presidente estava pronto para decolar rumo a Curitiba. Lula viajou na única aeronave descaracterizada disponível naquela noite, um monomotor turbo-hélice Cessna Grand Caravan cinza-claro, de matrícula pr-aac, aparelho de aparência frágil mas considerado pelos pilotos como o “jipe do ar”, pela robustez e segurança. Com vinte anos de uso pela Federal, o avião registrava apenas um incidente em seu histórico. Com um pneu murcho, em

**CRISTIANO ZANIN  
ELEVOU O TOM DE  
VOZ E RESPONDEU  
COM DUREZA:  
— NADA DISSO!  
NÃO, SENHOR!  
ALGEMADO ELE  
[LULA] NÃO  
EMBARCA**

2016 a aeronave fizera um pouso forçado em Campo Grande (ms), quando transportava US\$ 2,4 milhões em dinheiro vivo, apreendidos com um casal dentro de um ônibus. Entre outros passageiros conhecidos, o pr-aac já levava a bordo os políticos Delúbio Soares e João Cláudio Genu, também acusados pela Justiça, e o traficante de drogas Fernandinho Beira-Mar. E cinco meses depois da prisão de

Lula, o mesmo Grand Caravan da Federal seria utilizado para transportar de Juiz de Fora, em Minas Gerais, para uma prisão de segurança máxima em Mato Grosso do Sul o pedreiro Adélio Bispo de Oliveira, acusado de esfaquear o candidato e futuro presidente da República Jair Bolsonaro.

O pequeno grupo se dividiu no interior do avião, que tem capacidade para dois tripulantes e nove passageiros, estes distribuídos em duas fileiras de poltronas grudadas às janelas, cinco no lado direito e quatro no esquerdo, deixando um vão para a porta de acesso ao aparelho. O delegado Allanic ocupou a primeira poltrona do lado direito, Lula sentou-se na segunda e logo atrás dele instalou-se Sigmaringa Seixas. Cristiano Zanin viajou na terceira poltrona da fila esquerda, separado de Sig pelo estreito corredor entre os assentos. No assento extra do vão da porta viajou o tempo todo um agente da Polícia Federal, de coturnos, farda de camuflagem e com o rosto coberto por um gorro ninja preto, levando nas mãos um fuzil hk417.

Quando o aparelho taxiava para pegar a cabeceira da pista, alguém sintonizado na mesma faixa de ondas ouviu – e logo vazou para as redes sociais – um trecho do diálogo entre os pilotos e a torre de Congonhas. “Leva e não traz nunca mais!”, exclamou a voz não identificada. Forçada pela imprensa, a Força Aérea Brasileira confirmou a autenticidade do vazamento, mas assegurou que a provocação não fora pronunciada por um controlador de voo. Com relação aos pilotos, a Aeronáutica manteve silêncio. Estes, no entanto, parecem inocentados pela lógica, já que ninguém diria a si mesmo “leva e não traz nunca mais”.

Limitado à velocidade má-

xima de 350 quilômetros por hora, o Grand Caravan levou uma hora e quinze entre São Paulo e Curitiba. Uma hora e meia de absoluto silêncio no interior do aparelho. O preso, seus acompanhantes e os policiais não deram um pio. A chegada ao aeroporto Afonso Pena transcorreu sem sobressaltos. Como em Congonhas, também ali o espaço aéreo havia sido fechado para helicópteros civis. Sempre acompanhado dos advogados e cercado por um nervoso vaivém de delegados e agentes federais, Lula entrou no helicóptero que o conduziria à sede da Superintendência da Polícia Federal onde, por decisão de Moro, começaria a cumprir a pena.

Quando o aparelho, voando baixinho, se preparava para pousar no heliporto do teto da PF, Lula pôde observar, na rua, a cavalaria e o Batalhão de Choque da Polícia Militar do Paraná reprimindo com violência os manifestantes que haviam se deslocado até o local para saudá-lo. Os lulistas tinham ficado encurralados de um lado pela pm e do outro por enfurecidos moradores de Santa Cândida, o bairro de classe média alta onde se situa a Superintendência da Federal. Da janela do helicóptero em voo rasante Lula pôde ver a pancadaria e muita gente ensanguentada. Foi sua última visão antes de ser encarcerado. Em resposta à violência de que foram vítimas, ativistas de vários movimentos sociais e sindicais decidiram instalar ali, na porta da Federal, a Vigília Lula Livre, onde acamparam e de onde prometeram só sair quando o ex-presidente fosse libertado.

Na hora em que o Grand Caravan decolava em Congonhas, num jatinho fretado pelo pt embarcaram a presidente Gleisi Hoffmann, Lindbergh Fa-

Arquivo



**UM DIA DIFÍCIL** Lula chega à sede da PF em Curitiba. Achou naquela noite que sairia alguns dias depois de ser preso. Ficou 580 dias encarcerado

rias, Emidio de Souza, o assessor de imprensa de Lula, José Crispiniano, o fotógrafo Ricardo Stuckert, o jornalista Ricardo Amaral e Otávio Antunes, do Instituto Lula. No entanto, embora tenham chegado a Curitiba meia hora antes do avião oficial, os passageiros do jatinho não puderam se despedir do ex-presidente, tão rápidos foram os procedimentos de formalização da prisão. [...]

Pela lei brasileira, algumas autoridades – entre elas os ex-presidentes da República – têm direito a cumprir pena no que chamam “salas de estado-maior”. A que coube a Lula não tinha mais que 25 metros quadrados, com duas janelas gradeadas e de vidro opaco no alto da parede, uma cama de solteiro larga, um pequeno boxe com cortina plástica, chuveiro elétrico, pia e privada, uma mesa, quatro cadeiras de plástico e um criado-mudo. Dormitório para agentes federais de passagem por Curitiba, o cômodo nunca fora usado antes como cela. Quando os policiais pediram a Lula que tirasse o cinto, os cadarços dos tênis e os cordões dos shorts, ele sorriu:

– Fiquem tranquilos, eu não vou me suicidar. Ainda tenho

muita coisa a fazer pelo Brasil.

Zanin e Sig abraçaram-no, emocionados, e partiram. Exausto com o estresse dos últimos dias, o ex-presidente recusou os sanduíches que lhe ofereceu um carcereiro (o mesmo funcionário que o despertaria na manhã seguinte com café e pão com manteiga), tirou apenas o paletó e os sapatos, e nem chegou a desfazer a mala. Como costuma fazer sempre que dorme em algum ambiente desconhecido, Lula não apagou as luzes, mas ao deitar cobriu os olhos com uma dessas vendas utilizadas em voos noturnos. Assim, diz ele, se durante a noite quiser ir ao banheiro ou tomar água, evita o risco de sair no escuro, à cata de interruptores, e tropeçar em móveis e objetos.

Não rezou, não praguejou, não xingou ninguém. Desabou na cama e dormiu tranquilo, sem precisar recorrer a soníferos.

Adormeceu com a certeza de que, fosse por razões políticas ou jurídicas, em uma semana, dez dias, no máximo, estaria em liberdade. •

Jornalista, é autor, entre outros, de “A ilha”, “Cem quilos de ouro”, “Olga”, “Os últimos soldados da Guerra Fria”, “Corações sujos” e “Chatô”, todos publicados pela Companhia das Letras.

# CRISE É RESPONSABILIDADE DIRETA DE BOLSONARO

Não adianta culpar São Pedro. Nem espalhar fake news de que país vive a maior falta de chuvas em 91 anos. O governo errou ao permitir aumento das tarifas de energia. Fez isso para aumentar a arrecadação de tributos em R\$ 33 bilhões

Isaías Dalle

**A**firmar que a falta de chuvas no Brasil é a maior em 91 anos é mais uma das fake news do governo, desta vez exalada pelo Ministério das Minas e Energia, com o intuito de tentar se explicar diante do cada vez mais provável apagão elétrico que se aproxima. A crise de energia já se materializou por culpa e obra do presidente Jair Bolsonaro e sua equipe de incompetentes.

O que levou o Brasil a presente crise foi uma opção consciente do governo de continuar usando as águas dos reservatórios e até aumentar seu uso, ao mesmo

tempo em que reduziu a geração de energia a partir das usinas termelétricas, desconsiderando que em 2021 as precipitações pluviométricas pudessem diminuir.

Essa análise é unânime entre o ex-presidente da Agência Nacional das Águas (ANA) Vicente Andreu, o professor e pesquisador do Departamento de Ciências Atmosféricas da USP Tercio Ambrizzi e o Coletivo Nacional dos Eletricistas, que reúne trabalhadores do setor elétrico.

Andreu vai mais longe. Aponta que o governo fez isso de propósito para poder aumentar as tarifas e remunerar as empresas do setor elétrico com recursos adicionais que, nas estimativas dele, atingirão este ano R\$ 33 bilhões,

a serem pagos pela população. O valor supera o auxílio emergencial em 2021, calculado em R\$ 26 bilhões pelo próprio governo.

“O apagão não é inevitável. Mas quando o governo falou da crise, em maio, ele tinha todos os meios para evitar o apagão. Da maneira como está gerenciando a crise, está comprometendo muito a segurança elétrica e aumentando o risco de apagão. O governo tem errado muito numa crise que, primeiro, é fabricada pelo Palácio do Planalto”, afirma Andreu. “Diante dos erros e da persistência da escassez de chuvas, o risco de apagão é cada vez maior”.

Andreu fala a partir de uma perspectiva difícil de desqualificar. Eletricista, ele foi presidente

da ANA entre 2010 e 2018 quando, de fato, a quantidade de chuvas foi menor do que a que cai sobre o Brasil desde o ano passado (veja gráfico da USP, abaixo). Só isso desmente a versão do governo de que a crise seria a maior em quase um século.

Naquele biênio 2014-15, o Brasil conseguiu escapar do apagão, apesar da seca. O principal instrumento foi o uso das usinas termelétricas em toda a sua capacidade, de forma a preservar os reservatórios hídricos e guardar a água para um cenário ainda pior.

Já no período atual, o governo federal foi na contramão. Em novembro de 2020, quando a falta de chuvas já dava sinais consistentes, Bolsonaro preferiu reduzir a geração termelétrica de 16 mil MW para 9 mil MW e ampliar o uso da energia hidráulica de 41 mil MW para 55 mil.

Numa crise anunciada, argumenta o especialista, qualquer um sabe que essa seria a opção errada. "A culpa dessa crise não é a falta de chuva. É a operação errada do sistema, que esvaziou os reservatórios para aumentar a tarifa de energia", denuncia.

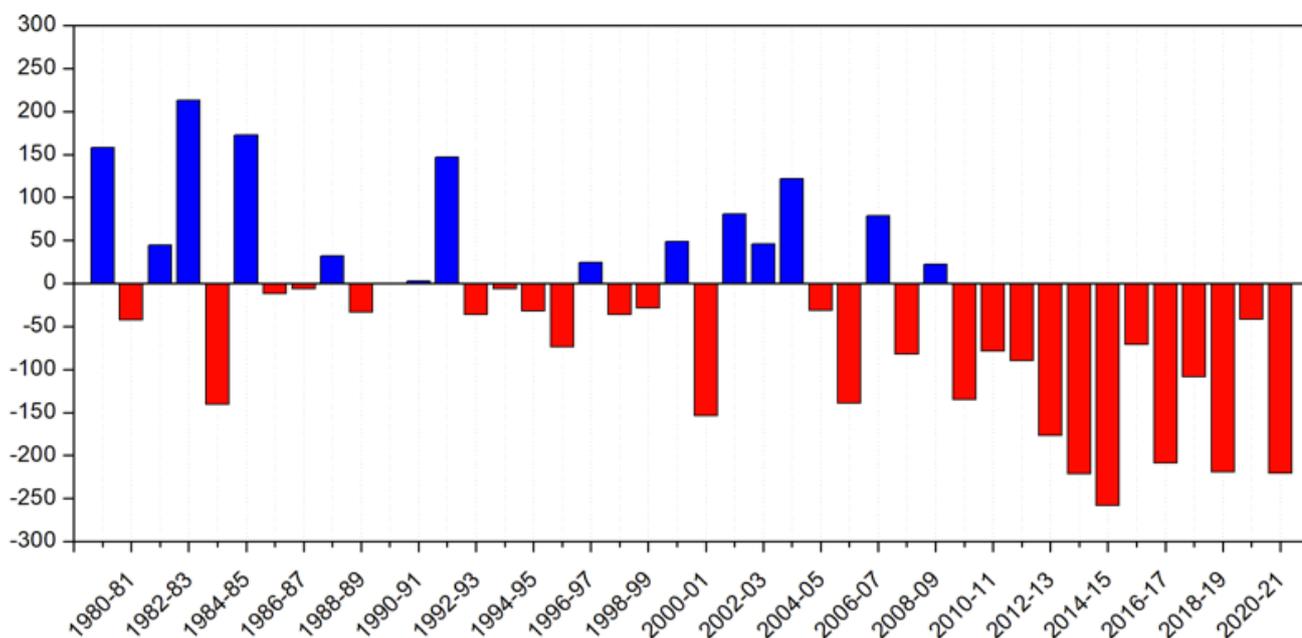


**ANDREU** "O governo tinha todos os meios para evitar o apagão em maio"

É fato que as termelétricas não representam o modelo ideal de fonte alternativa de energia, em função de suas emissões de gases de efeito estufa. Mas é o instrumento que o Brasil dispõe hoje e deveria ter sido usado, defende o meteorologista e físico Tercio Ambrizzi, da USP. "Eles demoraram para ligar as térmicas e agora os reservatórios estão baixos. Se acaba a água, você terá apenas energia das termelétricas, que provavelmente não vai ser suficiente", prevê.

Não se coloca em dúvida que os padrões climatológicos estão mudando. O já popular conceito do aquecimento global é um fato científico e tem reduzido as chuvas no Brasil. Mas afirmar que São Pedro tem toda a culpa por criar a maior seca em quase um século chega a ser ridículo. "Nós não temos dados dos últimos 91 anos. Talvez exista alguma estação meteorológica com essa idade do país, mas não há uma rede que pudesse ter feito essa medição", conta Ambrizzi.

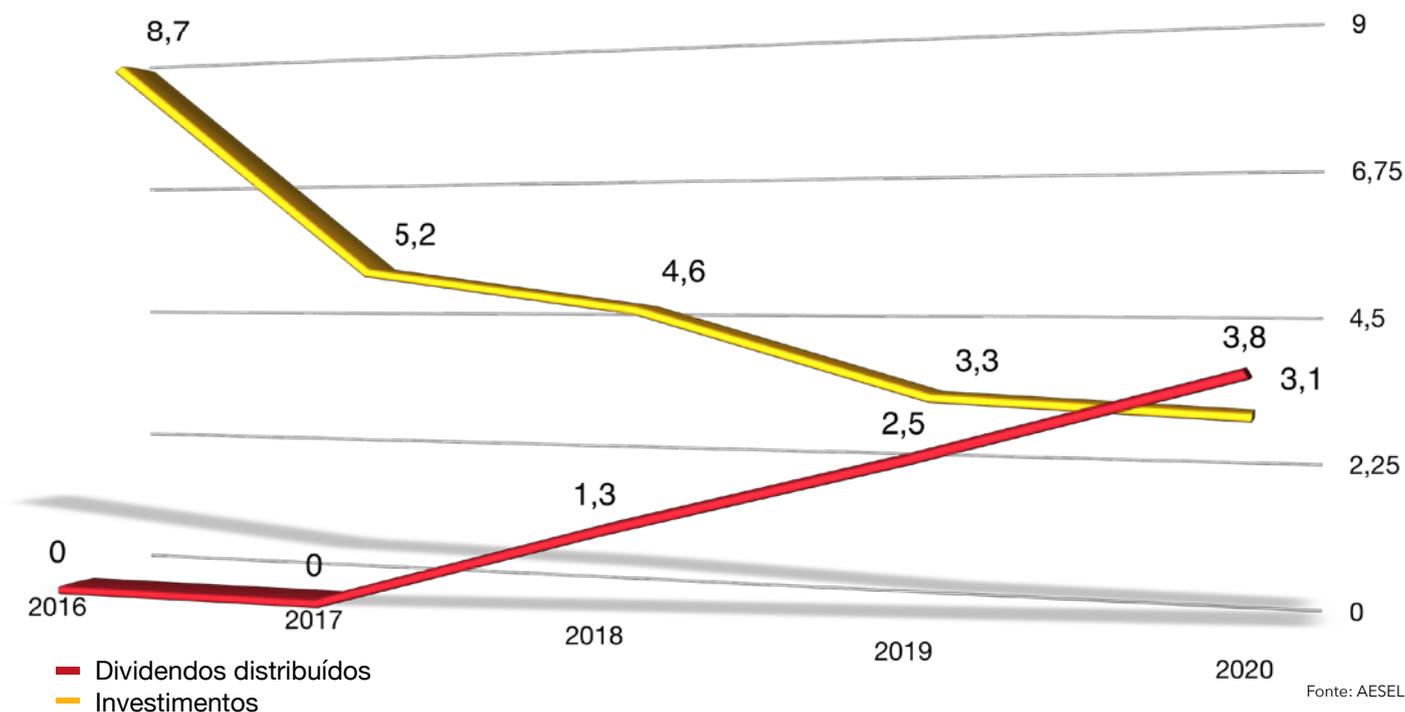
## Histórico da média das chuvas nos últimos 40 anos



Fonte: IAG/Universidade de São Paulo. Dados referentes à estação de chuvas na Região Sudeste

## Recursos da Eletrobrás

Investimentos versus dividendos — em bilhões de reais



“Desde 2010, temos tido chuvas sistematicamente abaixo da média aqui na nossa região, sendo o mais intenso o de 2014/2015, que gerou aquele racionamento”, completa. “O problema é de gerenciamento, não é São Pedro”, completa o professor.

Dessa série estatística pode-se também concluir que não era segredo para ninguém do setor que os reservatórios estavam baixos. Aliás, os reservatórios do sistema elétrico nacional são plurianuais, preparados para suportar secas de dois, quatro ou cinco anos. Se estão secos agora, o problema está no passado e houve tempo para medidas preventivas.

“Foi uma crise fabricada, não é retórica. Como tem sido ao longo dos anos após 2015, os reservatórios são esvaziados irresponsavelmente na época de chuvas. Mas especialmente no período de 2020 e 2021. Esta é a razão da crise que estamos vivendo”, completa Andreu.

Energia elétrica não é algo que possa ser produzido e gerado do dia para a noite. Em-

bora em crises como a atual o recurso às termelétricas seja a saída mais sensata, no médio e longo prazo é preciso investimentos. Quem alerta é Ikaro Chaves Barreto de Sousa, diretor da Associação dos Engenheiros e Técnicos do Sistema Eletrobras (Aesel) e integrante do coletivo dos eletricitários.

Ele lembra que a Eletrobrás, desde que foi inserida no programa de privatizações no governo Temer, praticamente parou de investir na expansão. “Ao contrário, passou a alienar participações em diversos empreendimentos feitos em parceria com a iniciativa privada”, lamenta. “A Eletrobrás passou a ter como principal objetivo não mais a contribuição com a garantia de suprimento, a universalização do serviço e a modicidade tarifária, mas apenas a maximização dos dividendos pagos aos acionistas e a preparação para a privatização”. O gráfico acima mostra isso.

A soma desses fatores gerou uma realidade árida. Segundo a Aesel, o nível dos reservatórios

das regiões Sudeste e Centro Oeste, responsáveis por mais de 70% da capacidade de armazenamento do país, estava abaixo dos 18% e a previsão do Operador Nacional do Sistema (ONS) é que cheguemos ao final de novembro de 2021 “com uma sobra de potência de míseros 958 MW”. São os níveis que antecederam o apagão de 2001.

Além de ficar no escuro, a população é quem paga as altas tarifas de energia. Mas o mesmo governo que de maneira exibicionista cancelou o horário de verão, ferramenta de racionamento de energia, não deixará os poderosos na mão.

Os grandes consumidores, que já têm contratos de energia bilaterais, firmados no Ambiente de Contratação Livre (ACL), em que podem adquirir energia fora do sistema, não pagam as bandeiras tarifárias e ainda ganharam do governo o Programa de Resposta da Demanda, na qual receberão prêmios para deslocarem suas atividades para fora do horário de ponta. •



## DOUTOR SAMUEL: CUIDADO COM OS NÚMEROS!

Em réplica, ex-presidente da Petrobras afirma que o economista Samuel Pessôa comete erros ao acusar setor público pelos altos custos de refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco

**Jose Sergio Gabrielli de Azevedo**

**D**outor em Economia pela USP, Samuel Pessôa, na mesma linha do editorial de *O Globo* de 16 de agosto de 2021, acusa a "governança do setor público" pelos elevados custos da Refinaria Abreu e Lima, RNEST, de Pernambuco. O especializado eco-



nomista, no entanto, comete erros básicos nas suas comparações de números e na desconsideração do que se chamam de externalidades dos projetos de infraestrutura.

Incluindo o COMPERJ e a política de conteúdo nacional no seu ataque às políticas de indução do crescimento econômico, refletindo sua adoração e crença mitológica na capacidade do mercado resolver os

problemas do desenvolvimento, o professor e o jornal carioca, mesmo acusando a politização do debate brasileiro, radicalizam suas posições políticas, obscurecendo os fatos.

Vejamos somente dois desses erros.

O principal argumento é que a RNEST teria custado de 5 a 7 vezes o custo médio de refinarias, utilizando como métrica a divisão entre o investimento realizado e a capacidade instalada de destilação nas refinarias, sem

considerar as diferenças de complexidade entre elas, que expressam sua possibilidade de processar petróleo mais pesados e reduzir o conteúdo de enxofre de seus derivados. Não há dúvidas que a refinaria custou muito, mas não na proporção apontada.

O erro está em considerar o orçamento PREVISTO da RNEST para a construção de dois trens de destilação, dividido pela capacidade produção de apenas um dos trens, sem considerar o investimento efetivamente realizado para a construção dessa metade de refinaria. Ao fazer essa comparação com a capacidade atual de 115 mil barris dia de processamento, o lbre artificialmente DUPLICA os custos unitários na comparação com outras refinarias. É preciso trabalhar com o custo efetivamente ocorrido com a construção de um trem, dado que não consta do estudo do lbre.

A partir de 2005, quando o mercado brasileiro começou a dar sinais de que voltaria a crescer, depois de quase dez anos de estagnação, havia a possibilidade de escolha entre aumentar a capacidade de refino nacional e abastecer o mercado com a produção doméstica de derivados ou ficar dependente da disponibilidade internacional, com importações que afetariam a balança comercial. A opção da época foi a construção de novas capacidades de destilação, especialmente no Nordeste do país, onde a diferença entre níveis de consumo e capacidade de refino regional mais se expandia.

Os projetos de expansão foram sendo desenvolvidos na mesma época em que os projetos de conversão e de qualidade, tanto para aumentar o processamento de óleo pesado nas refinarias brasileiras, como reduzir o teor de enxofre dos derivados, atingiam sua maturidade, au-

mentando a pressão de demanda sobre os fornecedores, muitos deles atendendo aos vários tipos de projetos.

Ao reconhecer que a RNEST é a refinaria mais avançada tecnologicamente entre as unidades de refino da Petrobras, o lbre não tira as consequências desse alto poder de conversão, que dá maior flexibilidade na utilização de cargas de várias origens, transformando petróleo pesado em derivados mais leves, oti-

## ABREU E LIMA É A REFINARIA MAIS AVANÇADA EM TERMOS DE TECNOLOGIA ENTRE AS UNIDADES DE REFINO DA PETROBRAS EM TODO O PAÍS

mizados para o diesel de baixo teor de enxofre. As limitações ambientais da bacia aérea da região limitavam a capacidade de processamento da refinaria. Agora, com a expansão da demanda mundial de combustível para navegação de baixo teor de enxofre determinado pela IMO, a RNEST se torna uma das “joias da coroa” da Petrobras.

As refinarias ficaram muito caras e a Petrobras tentou várias estratégias para reduzir seu Capex, com a simplificação dos projetos, a maior padronização

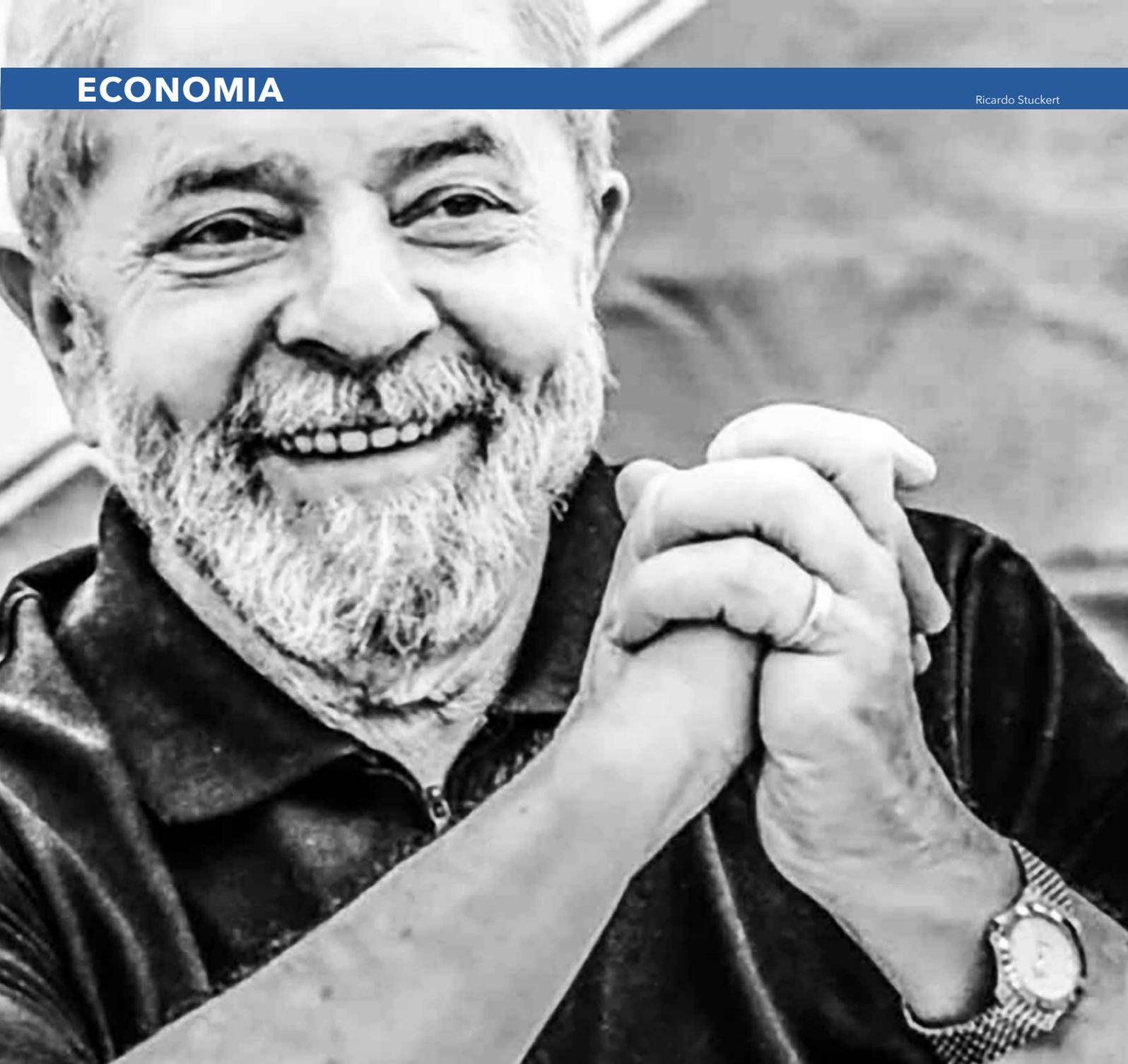
dos equipamentos, a divisão do tamanho dos pacotes de contratação para aumentar a competitividade dos certames e até a busca de fornecedores estrangeiros, para tentar conter a escalada dos preços. Nada disto teve efeitos significativos e alguns projetos tiveram que ser cancelados, com grandes write offs nos balanços patrimoniais da empresa em 2014 e 2015.

Um segundo argumento utiliza os dados dos investimentos da Refinaria de North West Sturgeon, na província de Alberta, centro da extração do petróleo das areias betuminosas canadenses.

Segundo os autores, o causador desses elevados custos é mais uma vez a “governança pública” que pretendia estimular a economia local. Ao destacar os custos, o lbre e Samuel Pessoa desconsideram os investimentos feitos para as unidades de captura e sequestro de carbono no processamento das areias betuminosas, além do acréscimo de valor agregado ao recurso mineral de areias betuminosas que a refinaria introduz para a região, caso tivesse que exportar para os EUA, seu principal mercado, o óleo bruto das areias betuminosas. É isso que eles defendem para o Brasil: limitar o crescimento das refinarias e exportar petróleo cru do pré-sal, sem refinar.

Paramos os projetos de novas refinarias e só concluímos metade da RNEST. O maior impacto destes cancelamentos é a vulnerabilidade crescente do Brasil ao mercado internacional para atender a demanda brasileira de derivados, na eventualidade dela crescer mais do que atualmente. •

Ex-presidente da Petrobras, professor titular aposentado da UFBA (Universidade Federal da Bahia), pesquisador do Inepq (Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).



# O 'RISCO LULA' É O DE O BRASIL VOLTAR A CRESCER

Agenda neoliberal do economista Edmar Bacha é a mesma da década de 1990. Essa agenda fracassou há 30 anos, voltou a fracassar agora e está sendo questionada internacionalmente. Mas, para alguns, a “ficha nunca cai”

**Aloizio Mercadante \*  
e Guilherme Mello \*\***



**E**m recente entrevista à Folha, o economista Edmar Bacha atualizou o malfadado bordão “uma escolha muito difícil”, que nos legou o bolsonarismo e o atual desastre político, econômico, social, ambiental e institucional. Segundo Bacha, sua busca incansável por uma candidatura da direita liberal tradicional se justificaria pois “Bolsonaro é um risco à democracia do Brasil e Lula é um risco à economia”.

Que Bolsonaro é um risco à democracia, os progressistas já o sabiam muito antes de ele se eleger. Ele nunca escondeu a defesa da ditadura, da tortura, da censura, mas alguns que hoje defendem a “terceira via” o apoiaram abertamente no segundo turno ou se omitiram, pactuando com esta tragédia que o Brasil atravessa. Agora, que Lula representa “risco econômico” é delírio ideológico sem nenhum amparo nos fatos e na história recente o país. É fake news requentada, largamente utilizada nas eleições de 2002, quando a esperança venceu o medo.

Não é apenas a democracia brasileira que está em risco, a situação sanitária, econômica e social do povo brasileiro nunca esteve pior.

Nos últimos anos, temos assistido o assombroso aumento da pobreza, da miséria e da fome no Brasil. De acordo com a Oxfam, mais da metade do Brasil hoje se encontra em uma situação de insegurança alimentar, sendo que 43,4 milhões se encontram em

situação moderada ou grave de insegurança alimentar (quando falta comida no prato). Em 2021, é possível que a pobreza atinja 30% da população, puxado pela massificação do desemprego e do desalento, que já atingem mais de 20 milhões de brasileiros. Para piorar, a inflação da baixa renda (INPC) superou 10% no acumulado de 12 meses em agosto, refletindo a alta do preço de alimentos, energia elétrica, gás e combustíveis.

Esse trágico estado de coisas é, sobretudo, fruto do fracasso da repetição da agenda neoliberal e ortodoxia fiscal que vigora no Brasil desde 2016, desmontando os instrumentos de atuação do Estado, liquidando o patrimônio público e retirando direitos sociais numa promessa nunca alcançada de retomada do crescimento e do emprego.

Essa agenda fracassou na década de 1990, volta a fracassar agora e está sendo questionada internacionalmente. Mas, para alguns, a “ficha nunca cai”.

Curiosamente, nada disso ocorreria no tempo em que o presidente que fará “mal para a economia” governou o país. Ao contrário, no governo Lula, o PIB cresceu a uma taxa média de 4% ao ano, alcançando o posto de 6º maior economia

do mundo; o desemprego se reduziu sistematicamente, partindo de 12,4% em 2003 para 6% em 2011; a desigualdade medida pelo índice de Gini caiu de 0,580 em 2003 para 0,531 em 2011; a pobreza declinou rapidamente, saindo de 28% da população em 2003 para 12,4% em 2011, com a geração de mais de 23 milhões de empregos formais. Como o aumento do emprego e a inflação controlada, o poder de compra do salário mínimo cresceu, se valorizando quase 30% em relação a cesta básica entre 2003 e 2010.

Diferente do que quer nos fazer crer Bacha, esse desempenho não decorreu de sorte (ciclo de commodities) nem de uma herança positiva dos governos anteriores. Ao contrário, a situação da economia brasileira em 2003 era de enorme fragilidade cambial e fiscal. O país estava quebrado, sem reservas internacionais e submisso ao FMI; a inflação já superava dois dígitos e o desemprego atingia quase 12% da população;

a dívida pública líquida, que era de 29,5% do PIB em 1995, atingiu 60% do PIB em 2002, mesmo após a elevação da Carga Tributária Bruta de 25% para 32% entre 1993 e 2002.

Na época tentaram, como sempre, jogar a culpa do fracasso do neoliberalismo no PT, mas a fake news não vingou.

O cenário externo favorável e a nova política externa certamente contribuíram para a acumulação dos

**BACHA ESCONDE  
QUE, COM LULA,  
O PIB CRESCERIA A  
UMA TAXA MÉDIA  
DE 4% AO ANO, E O  
DESEMPREGO CAIU  
DRASTICAMENTE:  
DE 12,4%, EM 2003,  
PARA 6%, EM 2011**

mais de US\$ 370 bilhões durante os governos petistas, responsável por blindar o país do drama das crises cambiais. Mas todos os estudos sobre o período demonstram que o ciclo de commodities (que também promoveu uma melhoria expressiva nos termos de troca entre 1990 e 1997) foi absolutamente insuficiente para explicar o processo de crescimento inclusivo do período.

As políticas de valorização do salário mínimo, a implantação do Bolsa Família, o Luz para Todos, a ampliação do crédito, a recuperação dos investimentos públicos e as demais políticas distributivas foram os pilares sobre os quais se assentou a construção de um amplo mercado de consumo de massas e o período mais positivo do desenvolvimento econômico nacional recente.

Afinal, no Brasil o setor externo tem um impacto reduzido no PIB. O fator mais importante para o crescimento é o consumo das famílias. Desconhecer isso é desconhecer fatos básicos da economia do Brasil. Nosso país cresceu, eliminou fome e pobreza extrema e distribuiu renda porque o “perigoso” Lula colocou os pobres no orçamento, em processo semelhante ao que a verdadeira socialdemocracia europeia fez no pós-guerra.

O que mais nos assusta não é apenas a distância das opiniões de Bacha em relação a realidade da economia brasileira, mas também em relação ao debate e as mudanças na economia internacional. A agenda que Bacha professa ainda é a mesma da década de 1990, já superada mundo afora, inclusive nos países em desenvolvimento. Seu legado não foi positivo e foi alvo de “autocrítica” inclusive de seus defensores originais.

Mesmo o debate da abertura comercial unilateral soa ingênuo, lembrando o que foi feito na dé-

Divulgação



## A AGENDA QUE BACHA PROFESSA AINDA É A MESMA DE 1990, JÁ SUPERADA MUNDO AFORA, INCLUSIVE NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO. SEU LEGADO NÃO FOI POSITIVO E FOI ALVO DE “AUTOCRÍTICA” INCLUSIVE DE SEUS DEFENSORES ORIGINAIS

cada de 1990 quando o país, ao invés de utilizar as salvaguardas garantidas pela rodada do Uruguai, optou por uma abertura unilateral, em um cenário de câmbio sobrevalorizado e escassez de financiamento para o setor produtivo. O resultado é bem conhecido: o Brasil foi um dos países com a mais veloz desindustrialização precoce do mundo, fato que precisa ser enfrentado pelos próximos governos visando reinustrializar o país, gerando empregos de qualidade e inovação.

Após a crise de 2008/9 e com a crescente financeirização, concentração de renda e de patrimônio, que fez o capitalismo retroceder aos vergonhosos padrões do início do século 20, a agenda neoliberal foi atropelada pela China e gradualmente perdeu força. Atualmente, todos os países relevantes do mundo têm se afastado dela, compreendendo o papel central do Estado na indução dos investimentos, na regula-

ção econômica e na distribuição da renda. Exemplo inequívoco dessa mudança é o plano Biden, emulado em diversos países europeus. Na periferia, as mudanças na Constituição e sociedade chilena são um exemplo do fracasso da política neoliberal.

O único risco que Lula representa para a economia brasileira é de o país voltar a crescer e distribuir renda, colocando os pobres no Orçamento e os ricos para pagarem imposto de renda, com inflação baixa e estabilidade macroeconômica. É o risco de reconstruir a democracia e o país, devolver a esperança e a autoestima ao povo do Brasil. O resto não passa de superado e obtuso macartismo econômico. •

\* Doutor em economia, é presidente da Fundação Perseu Abramo, ex-ministro de Ciência e Tecnologia e da Educação e ex-chefe da Casa Civil da Presidência (Dilma Rousseff). \*\* Professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é coordenador do Núcleo de Economia ligado à FPA.



# PROJETOS DE VIDA ENQUANTO PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, entre 2011 e 2017 houve um aumento no número de óbitos por suicídio entre os jovens de 15 a 29 anos. Mas há um perfil que é importante ser destacado: foram majoritariamente do sexo masculino (79,0%) e negros (54,9%)



Marcos Martins Amaral \* e Ágatha Miranda \*\*

O tema do suicídio carrega enorme importância ao debate de atenção à saúde pública, tanto é que 10 de setembro é marcado como o Dia Mundial da Prevenção ao Suicídio, e no Brasil há campanhas relacionadas ao “Setembro Amarelo”.

Relatório de 2021 da OMS mostra que as taxas de suicídio estão diminuindo no mundo, mas,

nos últimos 20 anos tiveram um aumento de 17% nas Américas, especialmente entre os jovens de 15 a 29 anos, e com destaque aos países latino-americanos.

No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, entre 2011 e 2017 houve um aumento no número de óbitos por suicídio entre os jovens de 15 a 29 anos. Mas há um perfil que é importante ser destacado, foram majoritariamente do sexo masculino (79,0%) e negros (54,9%). Dentre as principais causas de morte de jovens negros no Brasil estão as violentas, com destaque para a principal delas, o homicídio, seguida do suicídio.

Além disso, pesquisas apontam que a população LGBT apresenta um risco maior de sofrerem com doenças psiquiátricas e cometer suicídio que a população cisgênera e heterossexual. Em síntese, o racismo, a homofobia e a transfobia são fatores ampliam processos de vulnerabilização de determinados grupos sociais.

Existem várias formas de olhar para o fenômeno do suicídio e construir estratégias de cuidado e enfrentamento pela perspectiva da saúde pública, porém, frequentemente são propostas saídas individuais para problemas que são produzidos coletivamente. Por isso temos que ficar atentos com a lógica de haver meses com cores específicas para cuidado em saúde, pois eles tendem a representar o corporativismo e interesses de uma ou mais classes de profissionais do que apresentar reflexões e saídas efetivas que a dimensão da questão de cuidado em saúde demanda. É fundamental construir saídas para um problema de saúde reconhecendo que estes exigem enfrentamento público e coletivo.

Lélia Gonzalez, em resumo apresentado na Segunda Conferência Anual do African Heritage Studies Assotiation em 1979, formula vigorosamente as relações entre a divisão racial do trabalho

e desenvolvimento no Brasil, e aponta que por falta de condições dignas de trabalho – que implica em condições de vida também esvaziadas de dignidade em termos de saúde, moradia, educação etc – os jovens negros nos anos 1970 foram levados à falta de perspectiva de vida e projetos de futuro.

Mais de 40 anos depois, a realidade pouco avançou, o Brasil está encarando uma agenda neoliberal, em profunda crise econômica, política e social. No último período nós vivemos a precarização

## EXISTEM VÁRIAS FORMAS DE OLHAR PARA O FENÔMENO DO SUICÍDIO E CONSTRUIR ESTRATÉGIAS DE CUIDADO PELA PERSPECTIVA DA SAÚDE PÚBLICA

da CLT. Soma-se a isso a histórica marca de mais de 14 milhões de brasileiros e brasileiras sem emprego e, acompanhando o IBGE, taxa que tende ao crescimento. O IBGE também aponta que a taxa de desemprego não é maior porque o trabalho por conta própria tem crescido, mas não nos enganemos, estamos falando da uberrização do trabalho, das pessoas fazendo entrega de bicicleta, ou Uber com carro alugado com a gasolina a 07 reais e sem nenhum, absolutamente nenhum, direito trabalhista garantido.

Estamos num momento de aprofundamento da miséria no país, segundo dados do IBGE em 2018 pelo menos 14 milhões de famílias brasileiras usavam lenha ou carvão para cozinhar, estamos falando de 01 a cada cinco famílias brasileiras. E esse dado, sem dúvida, aumentou no último período, estamos chegando a valores recordes no preço no botijão de gás.

Mas, o que fazer? Devemos construir estratégias de enfrentamento coletivo! E temos exemplos pedagógicos recentes. Quando o Brasil está passando por uma crise de fome, a Coalização Negra Por Direitos tem feito uma campanha nacional de combate à fome, que foi possível porque a sociedade civil está organizada. Além do trabalho impressionante do MST com distribuição de alimentos e o debate sobre alimentação saudável.

Defender o Sistema Único de Saúde, a Reforma Psiquiátrica e a luta Antimanicomial que tem a prerrogativa de cuidado em saúde coletivo, em liberdade e protagonismo dos trabalhadores e usuários dos serviços nos processos de gestão dos equipamentos de saúde. Nesse sentido é importante estarmos atentos ao retrocesso do investimento Federal nas comunidades terapêuticas.

A saúde mental das pessoas só é possível enquanto projeto coletivo de vida livre. Construir estratégias coletivas de enfrentamento ao suicídio, é, concretamente, enfrentar o genocídio do povo negro brasileiro. Precisamos tecer projetos pautados na dignidade à condição de vida da população negra, isso quer dizer, a promoção do pleno emprego, moradia digna, salário digno, reforma agrária, respeito aos povos originários. •

\* Psicólogo, é doutorando em Educação: Psicologia da Educação (PUCSP) e membro do Instituto AMMA Psique e Negritude. \*\* Advogada (FDSBC), atua na área de Propriedade Intelectual e Direitos Humanos, com centralidade em questões raciais.

Acervo/Memorial da Democracia

Acervo/Memorial da Democracia



17 de setembro de 1971

## REPRESSÃO MATA O CAPITÃO LAMARCA

É assassinado no sertão da Bahia o capitão Carlos Lamarca, um dos principais líderes da luta armada contra a ditadura. Lamarca foi capturado na localidade de Pintada, no interior da Bahia, por militares integrantes da Operação Pajuçara, sob comando do major Nilton Cerqueira. Juntamente com José Campos Barreto, o Zequinha, o capitão foi encontrado descansando sob uma árvore, fraco e doente. Desde a morte de Carlos Marighella, em novembro de 1969, Lamarca era o alvo número 1 dos órgãos da repressão militar.

O fato de ter abandonado o Exército para aderir à guerrilha atraiu contra ele a ira dos comandantes das Forças Armadas, que o consideravam um desertor. La-



23 de setembro de 1966

## PM COMANDA O MASSACRE DA PRAIA VERMELHA

Durante a madrugada, policiais militares derrubam o portão da Faculdade Nacional de Medicina (atual UFRJ), na Praia Vermelha, e invadem o prédio onde estavam cercados desde a véspera cerca de 600 estudantes. Concentrados no terceiro andar, os jovens são obrigados a atravessar um corredor polonês e espancados indiscriminadamente até a saída da faculdade. Foi o primeiro grande confronto entre forças da repressão e estudantes depois do golpe de 1964 e ficou conhecido como Massacre da Praia Vermelha. O ataque começou na véspera, quando a polícia reprimiu a passeata pelo Dia Nacional de Luta convocado pela União Nacional dos Estudantes (UNE), colocada na ilegalidade pela ditadura. Em várias capitais, os universitários protestaram contra a cobrança de anuidades nas universidades públicas, o projeto de reforma universitária inspirado pelo governo dos EUA e a ditadura que se institucionalizava no país.

marca não era um capitão qualquer: campeão de tiro e um dos principais especialistas em contrainsurgência do Exército, ele havia participado das Forças de Paz da ONU no Canal de Suez.

Nos pouco mais de dois anos em que viveu clandestinamente, Lamarca demonstrava ansiedade para estabelecer um foco guerrilheiro no interior do país. Exas-

perava-se com os intermináveis debates teóricos sobre a estratégia que seria adotada e com os sucessivos adiamentos. Era um homem de ação. Frustrado com a indecisão e com a falta de recursos materiais da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), aderiu em 1971 ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), que prometia montar



22 de setembro de 1977

## POLÍCIA INVADE PUC-SP EM NOITE DE TERROR

Na noite de 22 de setembro de 1977, cerca de 2 mil estudantes de São Paulo e delegações de todo o país participam de ato público pela recriação da União Nacional dos Estudantes (UNE) em frente ao Tuca, teatro da Pontifícia Universidade Católica (PUC), onde são surpreendidos pela ação violenta de 3 mil policiais das forças de repressão do governo paulista.

Sob comando do secretário da Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, a tropa, apoiada por blindados, investiu com truculência contra os estudantes, que tentavam se abrigar dentro da universidade. O prédio foi invadido pelos policiais, que prenderam alunos e espancaram professores. Bombas explodiram e seis estudantes sofreram queimaduras. Dezenas foram levados para o Dops. A invasão da PUC foi uma das últimas ações violentas da ditadura contra o movimento estudantil.

imediatamente um núcleo guerrilheiro no sertão da Bahia. Com Zequinha, Otoniel Campos Barreto e Luiz Antônio Santa Bárbara, Lamarca começou a organizar uma rede de apoio na região. Mas, em pouco tempo, seu paradeiro seria descoberto pela repressão. A tropa que partiu em seu encalço era formada por mais de 200 agentes.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula.*

*Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.*

*Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)*

Visite o [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)

21 de setembro de 1983

## CUT JUNTA OPOSIÇÃO E RUA CONTRA O ARROCHO

Com as galerias lotadas por militantes e dirigentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Congresso Nacional rejeita o Decreto-Lei 2.024, o primeiro de uma série de decretos de arrocho salarial editados pelo governo João Figueiredo a partir de janeiro, por exigência do Fundo Monetário Internacional (FMI). Foi a primeira vez que a oposição conseguiu derrubar um decreto-lei da ditadura, contando com os votos de 11 deputados do PDS, partido do governo.

A política de arrocho, no entanto, continuou em vigor, por causa de outro decreto-lei, o de número 2.045, editado em julho, que limitava os reajustes a 80% da inflação. Em 18 de outubro, prazo final para a votação do decreto, Figueiredo decretaria estado de emergência em Brasília, alegando que a cidade estava tomada “por agitadores recrutados de todas as partes do país”.

Em clima tenso, com policiais nas galerias, o Congresso derrubou naquela tarde o decreto 2.045, contando mais uma vez com dissidentes do PDS. Outros três decretos de arrocho, aumento do Imposto de Renda e cortes nas estatais foram derrubados na mesma sessão. Os recuos do governo na política de arrocho, ainda que parciais, foram a primeira vitória da CUT em articulação com os partidos de oposição.

TRIBUTO

# O CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE

A partir de 2018, com a crescente polarização política nacional, Paulo Freire voltou a ser perseguido e criticado por setores conservadores. As celebrações pelos 100 anos, no entanto, acabaram por abafar e calar tais vozes, tamanha a sua magnitude

## Sérgio Haddad

O ano de 2021 no Brasil foi marcado por um incremento de mortes pela pandemia, avanço do auto-



ritarismo, crise energética e socioambiental e estagnação da economia. Foi um ano de inúmeras crises e ampliação das desigualdades. Mas foi marcado também pelas inúmeras atividades e homenagens em torno do centenário de Paulo Freire.

O educador pernambucano, nascido em Recife em 1921, ficou exilado por 16 nos seus 75 anos de vida. Saiu do país em 1964, perseguido pelos militares, quando organizava um Programa Nacional de Alfabetização no governo de Jango Goulart. Voltou em 1980, consagrado internacionalmente como um dos mais importantes intelectuais brasileiros, com inúmeros títulos e homenagens e obras traduzidas em mais de 20 línguas. Faleceu em 1997 na cidade de São Paulo.

A partir de 2018, com a crescente polarização política nacional, Paulo Freire voltou a ser perseguido e criticado por setores conservadores. Na campanha eleitoral daquele ano e, posteriormente, com a vitória de Jair Bolsonaro, não faltaram palavras de desprezo e ataques ao seu pensamento, parte desinformada sobre o seu papel histórico, parte combatendo politicamente um campo progressista do qual Freire faria parte.

As celebrações pelo seu centenário, no entanto, acabaram por abafar e mesmo por calar tais vozes, tamanha tem sido a sua magnitude: foram inúmeras lives, seminários, conferências, cursos, publicações acadêmicas e de divulgação, complementadas por outras atividades como um enorme mural com a sua figura na lateral de um edifício perto do Memorial da América Latina em São Paulo, uma exposição no Congresso Nacional e a organização de uma ocupação no Itaú Cultural, na Avenida Paulista, tradicio-

nal espaço paulistano.

Paulo Freire, sua vida, obra e pensamento, foram estudados, divulgados, publicados em jornais e revistas no Brasil e em inúmeros países. Um balanço dos eventos deste ano e seu impacto

na sociedade brasileira ainda há que ser feito. Será um bom desafio para as pesquisas acadêmicas.

Em uma primeira tentativa de organização por grupos, podemos identificar ao menos quatro conjuntos de atividades: aquelas voltadas à sua história, aquelas organizadas em torno do seu pensamento e prática, aquelas sobre pensar o presente a partir do seu legado, e, finalmente, aquelas sobre pensar o futuro.

Deixando de lado os dois primeiros grupos, arrisco um primeiro esboço sobre os outros dois. O legado do educador tem nos ajudado a disputar o campo da educação em todas as dimensões da vida das pessoas e não só na escolar. De fato, em uma conjuntura onde prevalece o racismo estrutural, a discriminação e a separação social, Paulo Freire nos alerta sobre o necessário trabalho educativo cidadão em todos os espaços: família, comunidade, igreja, meios de comunicação, partido político, movimento social.

Quando nos voltamos para os sistemas escolares, sua obra nos ajuda no enfrentamento das políticas atuais de crescente desconstrução do direito à educação pelas atuais políticas neoliberais e conservadoras. Seu posicionamento firme na defesa de uma escola popular de qualidade que fosse emancipadora nos seus objetivos, nas suas práticas e nos seus valores, bate de frente com as políticas atuais do teto de gastos, com a ideia de uma universidade para poucos, a discriminação dos alunos com deficiência, e com o tripé: currículo centralizado, avaliações de massa e a consequente promoção da meritocracia. Paulo Freire seria ainda contrário ao controle e a promoção da denúncia contra

os professores como propõe a escola sem partido, à censura dos temas de gênero e raciais nos materiais didáticos, à implementação de escolas civil-militares, todos temas ligados aos valores conservadores.

Em relação ao futuro, o pensamento do educador nos ajuda a enfrentar esta conjuntura distópica e negacionista que vivemos. Ao defender o sonho com um direito do ser humano, nos coloca frente a projetos de sociedades mais justas, igualitárias e não discriminatórias; projetos em que as diversas culturas sejam respeitadas desde que não sejam violadoras dos direitos humanos; à superação do antropocentrismo que desrespeita a natureza e nos condena a uma vida insustentável.

Paulo Freire pensa a humanização do mundo e não a sua desumanização. Para atingir nossos sonhos, nos estimula a encontrar os inéditos-viáveis em nossas sociedades, aqueles que nos levam em direção aos nossos sonhos e que nos fazem esperar, ao contrário de apenas ter esperança, que para o educador é uma atitude passiva. E quais seriam estes inéditos-viáveis hoje que nos fazem esperar? São as lutas dos povos originários em defesa de uma Amazônia que arde em chamas e de novos paradigmas civilizatórios, são as lutas das mulheres negras que choram a morte dos seus filhos, são as lutas das diversas juventudes pelo reconhecimento de novas formas de relacionamento, as expressões artísticas-culturais que resistem ao apagão da cultura, é a produção da ciência que nos ajuda a superar as vicissitudes da vida; é a solidariedade frente à pandemia que nos ajuda a crer na humanidade. São apenas algumas luzes entre tantas que nos ajudam no nosso caminhar, por isso não há motivos para não esperar e construir sonhos por um mundo melhor. •

Doutor em história e filosofia da educação pela USP, é professor e pesquisador.



Fabio Braga/Folhapress

# DOM PAULO, ONTEM E HOJE

Quando se tratava de casos de tortura a coragem do Cardeal da Esperança parecia irradiar “da mão de Deus”. Ele enfrentava autoridades civis e, sobretudo, militares, mesmo sabendo do risco de ser, no mínimo, escorraçado, como na “visita” a Médici

**Maria Victoria de Mesquita Benevides**

**A** Comissão Arns, à qual tenho a honra de pertencer, está perto de completar três anos, mas deita raízes nos anos 1970, em plena ditadura civil-militar iniciada com o golpe de 1964. Sim, somos “descendentes” dos grupos de defesa dos direitos humanos, como a Comissão Justiça e Paz de São Paulo, esta criada e liderada com a coragem lúcida e serena de Dom Paulo Evaristo Arns. Outros movimentos e comissões surgiram depois...e nós cá estamos, décadas mais velhos, pedindo as bênçãos de Dom Paulo para renovar, hoje - em tempos tão carrega-



dos - nossas esperanças e nossas lutas.

Vivíamos outros tempos terríveis quando Dom Paulo, então o novo arcebispo de São Paulo, reafirmou sua convicção sobre o caráter terrorista do regime e fez da Cúria Metropolitana o centro de resistência à política de sequestros, assassinios e torturas de presos políticos ou de apenas suspeitos de serem oposição aos governos militares. Dom Paulo manteve as portas abertas e o coração compassivo para receber, diariamente, dezenas de perseguidos, de familiares dos presos e desaparecidos - independentemente de orientação política ou religiosa, assim como os hermanos exilados do Cone Sul.

A criação da Comissão Justiça e Paz (CJP), em 1972, foi uma decorrência natural do compromisso de Dom Paulo com a justiça e a solidariedade, movidas pela fé inabalável na dignidade intrínseca de todo ser humano. Daí, desde sempre sua energia foi direcionada para o apoio aos mais vulneráveis; logo que foi nomeado bispo auxiliar, em 1966, decidiu visitar os presídios e constatar as condições desumanas dos “irmãos”, vários (como ainda hoje) sem culpa formada. Mais tarde visitaria os dominicanos presos e os demais, denunciando as torturas e mobilizando apoio de advogados. Documentos guardados pelo Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, mostram o papel de Dom Paulo na liderança de um movimento internacional de denúncia dos crimes contra a humanidade praticados no Brasil. Crimes contra os direitos humanos!

Quando se tratava de casos de tortura a coragem de Dom Paulo parecia irradiar “da mão de Deus”: enfrentava autoridades civis e, sobretudo, militares, mesmo sabendo do risco de ser, no mínimo, escorraçado, como na “visita” ao general-presidente Médici. Seu relato: “Fui oferecer-lhe uma encíclica papal muito bonita (Rerum Novarum, que completava meio século). Ele recusou e disse: ‘Seu lugar é na sacristia. O meu é defender generais e ministros ameaçados de morte’. E gritou, gritou, gritou. Eu me levantei e disse: ‘General, agradeço o senhor ter me chamado, mas a verdade é essa: em São Paulo a tortura está sendo cotidiana e fatal’” (Cult, nº 78, 2004). Dito e feito, nosso arcebispo enfrentou todo tipo de pressão e ameaças, mas foi incansável nos momentos que exigiam sua autoridade e sua coragem, como nos atos na Catedral da Sé por Alexandre, Santos Dias, Vlado, o retorno dos ossos de Frei Tito. A pesquisa para o livro-denúncia Brasil: Nun-

ca Mais é exemplar de sua responsabilidade (garantiu o anonimato dos autores) e de seu fraterno ecumenismo, partilhando-a com o Pastor Jaime Wright.

Nosso arcebispo era um homem culto - e não apenas em Teologia e outros temas da Filosofia, mas também em Literatura e Ciências Sociais. Mas nunca demonstrou a menor distância que intimidasse o povo menos letrado, com quem conversava, orava e cantava, além, é claro, de animar e abençoar suas lutas por direitos. Um de seus diletos discípulos, Pa-

## DOM PAULO DENUNCIOU NA COMUNIDADE INTERNACIONAL OS CRIMES PRATICADOS CONTRA OS DIREITOS HUMANOS PELA DITADURA

dre Júlio Lancelotti, fiel na defesa dos oprimidos, ecoa Dom Paulo: “Não adianta falar ‘Deus acima de tudo’ se coloca os pobres abaixo do nada”. A “opção preferencial pelos pobres”, decidida no Encontro de Puebla, em 1979, foi rigorosamente encampada por Paulo Evaristo, Cardeal Arns, que já tinha larga experiência na área, pelo menos desde que liderou, em 1973, a “Operação Periferia”. Contaram com seu firme apoio as Comunidades Eclesiais de Base,

a Comissão Pastoral da Terra e o Conselho Indigenista, entre outras entidades.

Com as lutas da sociedade civil pela democratização, Dom Paulo inspirou e apoiou a CJP em sua atuação política, em torno da anistia, das campanhas contra a Lei de Segurança Nacional e o chamado “entulho autoritário”, pela Constituinte livre e soberana, pela participação popular, pela integração latino-americana, pelo amplo apoio aos movimentos sociais. Quando eu escrevia a história da Comissão Justiça e Paz destaquei um aspecto que me parece muito revelador da tomada de consciência, na sociedade brasileira, sobre a temática nova dos direitos humanos. Houve - e ainda há - uma reação muito negativa, mas para seus defensores transformou-se em uma luta pela democracia, a ser conquistada diariamente: os direitos humanos nas democracias contemporâneas incluem os direitos civis e liberdades individuais e grupais, mas também os direitos sociais e econômicos, culturais e ambientais (Desca).

Dom Paulo faz muita falta. Hoje, vivemos tempos de desumanidade, neste país já marcado por desigualdades abissais, antigas e novas. Os valores éticos se impõem, ou seja, nosso compromisso na Comissão Arns vem embalado na busca da justiça, na compaixão, na escuta, na solidariedade, na empatia enfim. E para nós, as bandeiras imemoriais da liberdade, da igualdade e da fraternidade continuam sendo o sal da terra.

Dom Paulo faz falta mas continua nos inspirando. Criada em fevereiro de 2019, a Comissão Arns surgiu como uma reação à vitória eleitoral do capitão reformado, saudoso da ditadura militar e franco admirador dos torturadores, explícito adversário dos direitos humanos, da ciência e da cultura. Negacionista, racista, homofóbico, misógino, cruel, estimulador do

discurso de ódio que inunda redes sociais e fake news. Um horror.

A Comissão completará, em breve, três anos - e com o país profundamente atingido pela pandemia, com quase 600 mil mortos por ação e omissão do governo, cujo líder é incapaz de enfrentar com o mínimo de responsabilidade e racionalidade as crises sanitária, social, econômica e ambiental. A partir de março de 2020, a situação de povo abandonado vítima do Covid-19 não tem precedentes em nossa história. E o Brasil da devastação da Amazônia e dos povos indígenas virou um pária no mundo; e desde então, o país sofre com o que vem sendo chamado de "necropolítica".

Chegamos a esse ponto crítico - ponto de não-retorno? - com o povo nas ruas, em grandes atos de "fora Bolsonaro" e dos contrários, que pedem "intervenção militar já"; com as campanhas "vacina no braço, comida no prato, auxílio no bolso"; a CPI da Covid no Senado apontando a responsabilidade do governo; as ameaças e chantagens do presidente diante das pesquisas de intenção de voto para 2022. Há quem ache que o golpe já está em marcha. Tal cenário de pesadelo se completa com 14.8 milhões de desempregados, 19 milhões em pobreza extrema, inflação (alta absurda de gasolina e botijão de gás), ausência de planejamento para a vacinação em todo o país e ainda... uma grave crise hídrica/elétrica que, como sempre, penalizará com maior dano os mais pobres e periféricos.

Mas, apesar de tudo isso, e talvez por isso mesmo, nossa querida presidente de honra, Margarida Genevois, aos 98 anos participa da recriação da Rede Nacional de Educação em Direitos Humanos. Esse projeto, espalhado pelo país, foi uma iniciativa da Justiça e Paz e contou com entusiástico apoio de



**RESISTÊNCIA** Ao lado de Ulysses Guimarães, d. Paulo denunciou a tortura

Dom Paulo, que desenvolveu com Margarida uma relação de grande afinidade e absoluta confiança. E ela nos emociona ao revelar que o convite de Dom Paulo para participar da luta por direitos humanos definiu o sentido que daria à sua vida. E deu, sempre com coragem e esperança.

Se vivo fosse, o que faria Dom Paulo hoje? Não tenho a menor dúvida de que ele estaria nos inspirando e nos apoiando com a radicalidade de sua opção pelos vulneráveis e, certamente, dando a força de sua ampla credibilidade - no país e no exterior - para as lutas em defesa da democracia, do Estado Democrático de Direito.

Temos o compromisso, ao escolher seu nome para a Comissão, de honrar sua memória dando prioridade à defesa firme dos grupos mais vulneráveis: povos indígenas e quilombolas; povos tradicionais, como ribeirinhos e caiçaras; comunidades urbanas pobres e abandonadas pelo poder público; população em situação de rua; povo negro, sobretudo jovens e mulheres negras vítimas de todas as formas do racismo que humilha e mata, como nos casos frequentes da violência policial e das "balas perdidas".

Dom Paulo estaria, hoje, na luta contra o marco temporal e na defesa dos povos indígenas; estaria

pessoalmente envolvido para conseguir as vacinas contra a pandemia; visitaria os hospitais - com todos os cuidados e consolando os doentes e familiares; questionaria os governos pela ação violenta das polícias militares nas regiões periféricas; pressionaria os empresários para programas de apoio ao emprego; pressionaria o governo e os parlamentares para a manutenção do auxílio emergencial em nível razoável; e, claro, assumiria a liderança de campanhas contra a fome.

E, principalmente, Dom Paulo não admitiria o conforto do pessimismo que paralisa a resistência e que justifica a inércia dos que dizem "não temos força para enfrentar este governo militar" (ora, não enfrentamos o outro?). É como se escutássemos sua voz, firme: "vamos lutar pelo direito à vida, matriz de todos os direitos humanos e que está sendo diariamente ameaçado justamente pelos desmandos deste governo".

Querido Dom Paulo, nos ilumine, nos proteja e não se esqueça de nos enviar, sobretudo nas horas mais ameaçadoras, a sua curta e afetuosa mensagem: coragem! •

Cientista política, é professora aposentada da Faculdade de Educação da USP e membro fundadora da Comissão Dom Paulo Evaristo Arns de Defesa dos Direitos Humanos - Comissão Arns

# O 'PURAKÊ' DE GABY AMARANTOS

Bia Abramo

**S**e há alguma artista com propriedade para falar da Amazônia hoje em dia, chama-se Gaby Amarantos. Ela é de Jurunas, bairro antigo, periférico de Belém do Pará, onde as crianças nascidas no final dos anos 1970, como Gabriela Amaral dos Santos, tinham infância ribeirinha. Jurunas é, hoje, o bairro mais populoso da capital do Pará, com 60 mil habitantes, e a menina, aos 43 anos, uma das compositoras e cantoras mais instigantes do Brasil.

A musicalidade popular do Pará foi das últimas fronteiras de descoberta da moderna MPB, pelo menos aqui no Sudeste, centro tanto da produção musical (a indústria fonográfica) quanto dos meios de comunicação de massa, que, de certa forma, ainda determinam (ao menos em parte) o que faz ou não sucesso. Na verdade, a circulação independente sempre foi mais vigorosa do que se imagina, sobretudo a regional. De qualquer forma, quando começou a se falar em tecnobrega em São Paulo e no Rio de Janeiro, ali pelo início dos anos 2000, essa cena já existia há pelo menos duas décadas.

E quando Gaby chegou com "Treme", em 2011, a ousadia de canções como "(Ela Tá) Beba Doida" ou "Ex Mai Love", a exuberância da cena paraense com suas colagens de carimbó, calipso e tecnomelody eclodiu como uma espécie de bomba. Aqui vale fazer uma pequena ho-



Divulgação

menagem ao diretor artístico do disco, Carlos Eduardo Miranda. Morto precocemente aos 56 anos, Miranda foi um dos produtores mais talentosos dos anos 1980 e, nos 1990, descobridor de bandas como Skank, Mundo Livre S.A., lançadas pelo selo Banguela Records, que abriu em parceria com os Titãs. Repórter e redator da revista *Bizz*, Miranda tinha uma habilidade toda especial para formatar, no melhor sentido, novos talentos. Dirigiu as três edições do Terruá Pará em 2006, 2011 e 2013, projeto que envolvia dezenas músicos do Norte, desde a geração que nasceu nos anos 1930, do carimbó, como Dona Onete e Pinduca, o "rei da guitarrada" Mestre Vieira, aos já nascidos na Belém moderna, como Jaloo e Lia Sophia

Foi Jaloo quem Gaby escolheu para produzir "Puraquê", referência ao peixe-elétrico, que em tupi e significa "o que faz dormir" ou "o que entorpece". É um peixe daqueles que pode chegar a 2 metros de comprimento e 20 quilos. Suas descargas elétricas tem intensidade o suficiente para matar um cavalo adulto.

Em "Purakê", já disponível nas plataformas digitais, as 13 faixas-clipe compõem uma espécie de sonho amazônico. Pensado como quase um álbum conceitual e cheio de participações especiais, é como se fosse o disco da maturidade de Gaby Amarantos. Ela continua a can-

tora talentosa (como muitas mulheres pretas e periféricas, ela começou a cantar em coro da igreja e antes mesmo da adolescência, chamava a atenção pela voz cristalina) de sempre, mas nem por isso deixou de ser generosa: divide faixas com artistas decanos como Elza Soares, Ney Mattogrosso, Alcione e Dona Onete, mas também com músicos mais recentes como Liniker, Luedji Luna, Potyguara Bardo, Urias, Viviane Bati-dão.

Nascido numa espécie de imersão artística de Jaloo e Gaby no Rio Tapajós, em 2019, antes, portanto, da pandemia, o disco oscila entre aquilo que os viajantes estrangeiros dos séculos 18 e 19 chamavam de a "melancolia tropical" e faixas que exalam um otimismo contagiante – e muito, muito dançável.

A pegada de "Purakê" se conecta com questões globais e futuristas. Numa espécie de metáfora musical, poética e visual parece que Gaby & Jaloo querem mostrar que a Amazônia também pode ser, além da maior reserva bioecológica do planeta Terra, o centro irradiador de uma cultura ao mesmo tempo profundamente enraizada nos povos indígenas, mas olhando para o mesmo vetor tecnológico que fundou o tecnobrega.

Ouçam Gaby. Seus recados são uma espécie de grito de alerta, mas também tem o frescor das pequenas alegrias possíveis nessa pandemia interminável e cruelíssima. •

# A MAGIA PERMANECE

Trinta anos da morte do gênio Miles Davis, um dos ícones da música do século 20 e cuja obra continua influenciando gerações de músicos em todo o mundo. Uma lenda do jazz e do rock

**Alberto Cantalice**

**E**m setembro de 1991, uma falência múltipla dos órgãos emudece o trompete de Miles Davis. O músico e arranjador, nascido em 1926, no estado de Illinois, nos Estados Unidos, deixou um legado incomparável na música mundial e especialmente no jazz. Contemporâneo de vários artistas considerados virtuosos – Louis Armstrong, Duke Ellington, Count Basie, John Coltrane, Dizzy Gillespie, entre outros –, Miles conseguiu impor sua qualidade musical com singles memoráveis.

Aos 13 anos, o pai lhe dá um trompete e o leva a um músico de Saint Louis para ensiná-lo. Seu despertar para a carreira musical, no entanto, se deu quando assistiu a uma apresentação da banda de Billy Eckstine, que contava com a participação de Dizzie Gillespie e Charlie Parker, em 1944. Miles se apresentou em substituição a um dos instrumentistas da big band.

No início de 1945, Miles parte para Nova Iorque para tentar uma bolsa de estudos na Julliard School. Em vez de ir para a escola, como prometido à família, ele procura Charlie Parker e pede para entrar na banda. Como integrante, participa de várias gravações de Parker como uma espécie de coadjuvante, vindo a gravar o primeiro disco como protagonista só em 1947.



Na década de 1950, Miles Davis, aos 25 anos, começa a demonstrar seu virtuosismo. Daí em diante, sozinho ou acompanhado de outros músicos, emplaca um sucesso atrás do outro. Sucesso no estúdio e no palco. Lançou dezenas de obras ao vivo, onde buscava o limite da sonoridade – que, devido as condições técnicas de então, havia no entendimento de alguns músicos uma sensível distorção na sonorização entre gravação de estúdio e o ao vivo. Esse não era o entendimento dele.

Uma apresentação celebrada em um show ao vivo e que legou uma obra-prima, foi a parceria com John Coltrane, em 1955. Em seguida, cria o Miles Davis Quintet, composto pelo próprio Coltrane no sax tenor, Red Garland no piano, Paul Chambers no contrabaixo e Philly Joe Jones na bateria. É desse período o surgimento do álbum que é considerada a obra-prima de Davis e uma das mais importantes contribuições para a trajetória do jazz: “Kind of Blue”.

O álbum colocou Miles Davis como uma das lendas da música americana e mundial. Em seguida, vieram obras também consideradas magistrais como “My Funny Valentine”, “Four and More”, já com Bill Evans na nova formação do quinteto.

Em 1970, foi a estrela principal do famoso Festival da Ilha de Wight, na Inglaterra. Cercado de expectativas, já que o festival se notabiliza pelas apresentações de bandas de rock e pelo grande público composto em sua imensa maioria por jovens, o então quase cinquentão arrebatou o público e produziu uma das maiores apoteoses musicais na época. Considerado um sujeito de difícil trato, Miles sempre apoiou jovens talentos.

Passados 30 anos de seu desaparecimento, mantêm-se como um dos principais artistas do século 20 e das gerações futuras. Sua vasta obra, referência para músicos e estudiosos do mundo inteiro, continua provocando sensações e epifanias. Eternamente. •

Venício A. de Lima

# PAULO FREIRE

A prática da  
liberdade,  
para além da  
alfabetização

O livro está disponível no site  
da Fundação Perseu Abramo  
[fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

autêntica



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



# BRASIL: CINCO ANOS DE GOLPE E DESTRUIÇÃO

SANDRA BRANDÃO | (ORG.)

APRESENTAÇÃO | DILMA ROUSSEFF

PREFÁCIO | ALOIZIO MERCADANTE

O livro está disponível no site  
da Fundação Perseu Abramo  
[fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

